

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

CLÉCIA LORENA DO AMARAL SHIBUYA

**DO VIRTUAL AO REAL: IMPLICAÇÕES DA *INTERNET* NOS PROJETOS DE
VIDA DO ADOLESCENTE**

RECIFE -2012

CLÉCIA LORENA DO AMARAL SHIBUYA

**DO VIRTUAL AO REAL: IMPLICAÇÕES DA *INTERNET* NOS PROJETOS DE
VIDA DO ADOLESCENTE**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Consuêlo Passos

RECIFE-2012

S555d

Shibuya, Clécia Lorena do Amaral

Do virtual ao real : implicações da internet nos projetos de vida do adolescente / Clécia Lorena do Amaral Shibuya ; orientador, Maria Consuêlo Passos, 2012.

113, [9] f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, 2012.

1. Psicologia clínica. 2. Adolescentes. 3. Internet - Aspectos sociais. 4. Internet - Aspectos psicológicos. I. Winnicott, D. W. II. Título.

CDU 159.922.8

CLÉCIA LORENA DO AMARAL SHIBUYA

**DO VIRTUAL AO REAL: IMPLICAÇÕES DA *INTERNET* NOS PROJETOS DE
VIDA DO ADOLESCENTE**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Maria Consuelo Passos – Orientadora
Universidade Católica de Pernambuco – Recife/PE

Prof. Dr. Gilberto Safra – Avaliador Externo
Universidade de São Paulo
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – São Paulo/SP

Prof.^a. Dr.^a. Edilene Freire de Queiroz – Avaliadora Interna
Universidade Católica de Pernambuco – Recife/PE

RECIFE-2012

Ao meu esposo, pais e amigas pelo apoio recebido durante a elaboração deste trabalho.

Sentir tudo de todas as maneiras,

Ter todas as opiniões,

Ser sincero contradizendo-se a cada minuto,

Desagradar a si próprio pela plena liberalidade de espírito,

E amar as coisas como Deus.

“Passagem das Horas”, Álvaro de Campos

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua presença implicada em minha vida.

Aos meus pais Cecília e Luiz Carlos, eterna gratidão por me apoiarem em todos os momentos, sem exceção.

A Dalton, meu esposo e companheiro, por sua doce e carinhosa presença, por sua compreensão de minhas ausências, pela paciência, por seu cuidado e amor.

A Kátia e Bárbara Carvalho (Babi), amigas de todas as horas.

À Prof^ª. Maria Consuêlo Passos, minha orientadora, por suas instigantes questões que me ensinaram a caminhar, sempre em busca de outros questionamentos.

À Prof^ª. Edilene Freire de Queiroz, pela leitura atenta e pelas preciosas sugestões desde a qualificação do meu projeto.

Ao Prof. Gilberto Safra, a quem sempre reverenciei pelos seus escritos, que foram imprescindíveis à minha formação, e pela sua disponibilidade e delicadeza.

Às participantes destas pesquisas, que se disponibilizaram a dividir suas angústias e dúvidas adolescentes, meu muito obrigado. Suas participações foram fundamentais para tornar esta pesquisa possível.

A João Carvalho, por sua leitura cuidadosa na revisão deste texto.

A todos que direta e indiretamente participaram dessa caminhada, pelas contribuições e companhia.

RESUMO

O adolescente é considerado um dos principais agentes de transformação social, um manancial de expectativas do futuro, atualizando a família e os que estão em seu entorno sobre o que se passa na sociedade. Atualmente, passa por experiências de extrema velocidade: acesso a uma quantidade de informações quase inesgotáveis e contatos imediatos, sem delimitação de fronteiras físicas, através da *Internet*. Esse recurso não só revolucionou as diferentes tecnologias, mas também mudou a configuração social em que vivemos, a forma como percebemos o mundo, como nos inserimos nele, e, principalmente, a nossa forma de ser. Em face dessas mudanças, que acontecem em tempo real, o computador conectado à *Internet* tornou-se para muitos um companheiro fiel de todas as horas, sobretudo para o adolescente, que parece usá-lo como recurso indispensável aos seus contatos com o outro, com o mundo. A contemporaneidade tem marcas que são comuns a todos os sujeitos. No entanto, a experiência do adolescente em seu processo de transição em um mundo de extrema velocidade tem sido marcada pela indefinição de projetos futuros, fugacidade, volatilidade, consumismo, entre outras questões que têm dificultado todo seu processo de amadurecimento. A insegurança, característica desse momento, é ainda realçada pelo desamparo, pela falta de referências, pela falta de continência e pela impossibilidade de criação de projetos para a vida adulta. Projeto de vida aqui tem um sentido mais abrangente, não diz respeito apenas a uma dimensão profissional, mas à inclusão do sujeito no universo de relações sociais e afetivas, com vistas à implementação de perspectiva para uma vida adulta. Tudo isso nos levou a indagar as possíveis repercussões do uso da *Internet* na criação dos projetos de vida dos adolescentes. Para tanto, buscou-se refletir especificamente sobre as seguintes questões: Quais os sentidos do uso da *Internet* para os adolescentes? Os adolescentes pesquisados se preocupam em criar projetos de vida? É possível relacionar o uso da *Internet* à elaboração de seus projetos de vida? Para dar conta dessa empreitada, foi realizado um estudo teórico baseado na referência winnicottiana, sobretudo nas noções de transicionalidade, ilusão, espaço potencial e experiência cultural. Participaram da pesquisa dez adolescentes do sexo feminino, com idade entre 16 e 17 anos, sendo todas estudantes da rede pública estadual da região metropolitana do Recife-PE, cursando entre o primeiro e o terceiro ano do ensino médio. Os dados coletados foram analisados priorizando-se a autopercepção das participantes e os resultados obtidos demonstraram que a *Internet* é um ambiente que pode ser usado criativamente, de acordo com as demandas do sujeito. Além disso, promove uma passagem do virtual ao real, na medida em que as adolescentes navegam em um mundo sem fronteiras, onde podem brincar, criar, ensaiar para o futuro e ver como acontece na vida real.

Palavras-chave: adolescência; *Internet*; projetos de vida; teoria winnicottiana; espaço potencial.

ABSTRACT

The teenager is considered one of the main agents of social transformation, a wealth of expectations of the future, updating the family and those around them about what is happening in society. Currently, the youth goes through extremely speedy experiences: access to an almost inexhaustible amount of information and immediate contact, without demarcation of physical boundaries through the Internet. This feature not only revolutionized the different technologies, but also changed the social configuration in which we live, how we perceive the world how we are embedded in it, and, above all, our way of being. Given these changes, which occur in real time, the computer connected to the Internet has become for many a faithful companion of all hours, especially for teenagers who seem to use it as an indispensable resource for their contacts with others, with the world. The contemporary world has marks that are common to all subjects. However, the experience of adolescents in their transition into a world of extreme speed has been marked by uncertainty of future projects, fugacity, volatility, consumerism, among other issues that have hindered their entire process of maturity. Insecurity, characteristic of this time is further enhanced by helplessness, lack of references, lack of continence and the impossibility of creating projects for adult life. Life project here has a broader meaning, it concerns not only a professional dimension, but the inclusion of the subject in the universe of social and affective relationships with a view to implementing a vision for adult life. All this led us to investigate the possible effects of Internet use in the creation of projects of life of adolescents. To this end, we sought to reflect specifically on the following questions: What are the meanings of Internet use for teens? Are the teens surveyed concerned with creating life projects? It is possible to relate the use of the Internet to the development of their life projects? To realize this endeavor, we performed a theoretical study based on Winnicott's reference, especially the notions of transitionality, illusion, space potential and cultural experience. The participants were ten female adolescents, aged between 16 and 17 years, all students in public schools in the metropolitan area of Recife-PE, studying between the first and third year of high school. The collected data were analyzed with special emphasis on the participants' self perception and the results showed that the Internet is an environment that can be used creatively, according to the demands of the subject. It also promotes a passage from virtual to real, to the extent that adolescents navigate in a world without borders, where they can play, create, rehearse for the future and see how it happens in real life.

Keywords: adolescence; Internet; life projects; Winnicott's theory; space potential.

SUMÁRIO

O MARCO ZERO	10
Em busca do arcabouço teórico.....	13
O encontro com Winnicott	14
Caracterização e justificativa do objeto de estudo	18
Objetivos a serem alcançados	20
Disposição metodológica: as trilhas da pesquisa	21
Participantes	21
Critérios de inclusão.....	22
Instrumentos	23
A coleta de dados	23
A análise dos dados.....	24
Composição da dissertação	25
As certezas do caminho.....	27
CAPÍTULO I	
1 AGORA NÃO, MAIS TARDE: O ADOLESCENTE E A TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA	29
1.1 Alguma coisa está fora da ordem	30
1.2 Linhas gerais: O que diz a literatura psicanalítica sobre o adolescente contemporâneo ...	34
1.3 Winnicott: questões relevantes para pensar a adolescência	38
1.3.1 O adolescente e a provisão do ambiente.....	41
1.3.2 Adolescente: rebeldia e dependência.....	46
1.4 O sentido do tempo para a adolescência	47
Por fim.....	51
CAPÍTULO II	
2 ADOLESCENTE E INTERNET: UMA EXPERIÊNCIA REAL E SINGULAR	54
2.1 Internet: um pouco da história.....	55

2.2 A transição entre o real e o virtual: uma experiência de transicionalidade e ilusão.....	57
2.3 Internet: uma releitura da experiência cultural.....	63
2.4 A relação do adolescente com a Internet.....	66
CAPÍTULO III	
3 “COMO SERÁ O AMANHÃ? RESPONDA QUEM SOUBER!” AS IMPLICAÇÕES DA INTERNET NOS PROJETOS DE VIDA DO ADOLESCENTE	69
3.1 Passeando pela teoria: em busca de um conceito de projeto	71
3.2 Brincar: um ensaio para o futuro.....	73
3.3. Como os adolescentes constroem no presente suas perspectivas de futuro?.....	76
3.3.1 18 anos, para quê?	79
3.4 Afinal, o que entendemos por projeto de vida?.....	83
Quadro Perfil do Participante.....	85
3.5 A palavra com as meninas: discutindo as implicações da internet nos projetos de vida... 86	
3.5.1 Falando da adolescência.....	86
3.5.2 Sobre a sua relação com a Internet.....	90
3.5.3 Sobre seus projetos de vida	93
3.5.4 Sobre s implicações da internet em seus projetos de vida.....	97
PARA FINALIZAR.....	100
REFERÊNCIAS	104
ANEXOS	114
ANEXO A – Parecer de aprovação do Comitê de Ética	
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Participante	
ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Responsável	
ANEXO D – Roteiro de Entrevista	

O MARCO ZERO

*Caminhante, são tuas pegadas
o caminho e nada mais;
caminhante, não há caminho,
se faz caminho ao andar
Ao andar se faz caminho
e ao voltar a vista atrás
se vê a senda que nunca
se há de voltar a pisar*
Antônio Machado

Desde a graduação sinto-me motivada a estudar a adolescência, e desse tempo identifico três momentos.

O primeiro surgiu com o trabalho de iniciação científica, intitulado “Família e Vínculos: repercussão da separação dos pais nas relações com os filhos”. Nessa pesquisa foi possível estabelecer, durante as entrevistas, um contato com adolescentes, chamando-me bastante atenção as respostas monossilábicas, o foco no seu grupo de relacionamento e o relevo que a *Internet* tinha nas vidas desses.

O segundo momento se deu na prática da disciplina Orientação Profissional, onde foram realizadas oficinas com alunos do primeiro ano do Ensino Médio, cujo objetivo era que estes refletissem sobre o futuro, sobre questões profissionais, esclarecessem dúvidas com relação à escolha profissional, e se projetassem para os anos vindouros. Na ocasião, fui tomada por alguns questionamentos relacionados aos projetos de vida dos adolescentes que ali estavam. Mas, além dessa questão emergente acerca dos planos para a vida futura, havia um tema que era frequente nas conversas do grupo: *Internet*. Os jovens passavam a maior parte do tempo falando das descobertas

feitas nos *sites*; dos acessos às páginas de relacionamentos, das conversas com os amigos nos *chats* e dos encontros virtuais.

O terceiro – o qual denomino momento de confluência – representa o grande encontro entre teoria e prática. Estar face a face com a prática clínica implica ser surpreendido a todo instante. Desse modo, ao iniciar os atendimentos me deparei mais uma vez com os adolescentes, seus discursos monossilábicos, e, com a *Internet* presente na vida cotidiana desses, mediando suas relações.

Logo, a rapidez com que o uso desenfreado da *Internet* alcançou a população brasileira nos últimos dez anos, em particular o adolescente, tornou-se um tema desafiador para mim. Foi a partir de algumas leituras e da falta de outras que me senti instigada a pesquisar sobre o fenômeno *Internet* e a relação do adolescente com esse veículo.

Ficava claro que o ingresso no Mestrado e a possibilidade de investigar sobre projetos de vida, adolescente e *Internet* seria uma forma de conciliar diversos interesses. No entanto, num período inicial, eu diria num período embrionário, sem o devido amadurecimento teórico metodológico, o percurso foi bem árduo. Para chegar ao momento atual foi necessário percorrer uma longa trajetória, a qual pode ser ilustrada pelo poema de Fernando Teixeira¹, onde ele aponta com muita sabedoria que:

*Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas ...
Que já têm a forma do nosso corpo ...
E esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos
mesmos lugares ...*

*É o tempo da travessia ...
E se não ousarmos fazê-la ...*

¹ **O medo:** o maior gigante da alma, Fernando Teixeira de Andrade, s/d.

*Teremos ficado ... para sempre ...
À margem de nós mesmos...*

Assim, fiz a travessia – abandonando as roupas usadas que já estavam com a forma do meu corpo e ousando, vislumbrando essa caminhada como algo necessário e inevitável. A travessia feita implicou apenas um começo de caminho, pois ainda muitas trilhas precisam ser percorridas e muitas lacunas preenchidas. Nesse sentido, não se pretende esgotar o tema, mas apenas descortiná-lo.

Adentrar por novos caminhos suscita inúmeros desafios, pois toda caminhada implica uma imensa aventura. A grande peripécia é que o caminhante jamais saberá com o que vai se deparar. O inusitado combinado com a expectativa do passeio torna o programa libertador da previsibilidade. Desse modo, enveredar em uma pesquisa de campo pressupõe um passeio sobre um chão de estrelas, já que cada participante desta investigação fincou um passo nesse caminho.

O mapa do trajeto é um instrumento fundamental para o caminhante. Os estreitos caminhos da trilha, por vezes, podem ser confusos e a sinalização – indicada por expressivos autores – guiar-nos-á nessa empreitada.

Com isso, o propósito neste momento não é tanto adentrar na questão metodológica, mas abrir a trilha que permitirá explicitar a importante experiência de uma pesquisa de campo. Ao iniciar a caminhada, sigo com diretrizes fixas, mas com o espírito da descoberta, de quem pretende desbravar novas trilhas. Com essa perspectiva, encontro alguns substratos para alicerçar esta pesquisa. O que diz o adolescente sobre *a adolescência, sua relação com a Internet e seus projetos de vida* são alguns deles. Deste desafio, parecem brotar provocações que conduzem a muitas direções, antes de se chegar ao destino pretendido.

Assim, a questão central que atravessa esta dissertação diz respeito às implicações da *Internet* nos projetos de vida dos adolescentes. Essa proposição abre passagem para muitas investigações. Por ser um campo de estudo amplo, não é pretensão discutir todas as facetas e nuances que envolvem essa questão. Pretende-se, sim, contribuir para uma ampliação e aprofundamento desse campo de estudo no que se refere às perspectivas de futuro dos jovens.

Em busca do arcabouço teórico

O adolescente é apresentado em grande parte da literatura como sujeito de comportamentos instáveis, com frequentes crises de identidade, apresentando conflitos intensos em relação a si e com o social. Por isso, a adolescência é tida como um período em que entram em cena experiências, predominantemente, conflituosas e ambivalentes – consigo mesmo, com a família e com a sociedade – na construção da identidade ou na busca de si mesmo. Representa um momento importante de síntese ou de organização interna de sentidos. Nessa etapa de vida, o menino ou a menina torna-se protagonista de rupturas e mudanças de estilo, de linguagem, de postura, de valores e de investimentos afetivos.

A vasta literatura especializada procura definir: quem é o adolescente e o que é a adolescência. No entanto, diversos são os direcionamentos que conduzem a debates e reflexões que possuem um especial relevo dentro dessa problemática. O interesse, nesse momento, dirige-se à busca de um ponto de partida, uma motivação teórica que dê sustentação a essa investigação.

Após diversas leituras e releituras de textos que tratam especificamente do tema, a escolha se deu pelo arcabouço teórico da psicanálise, especificamente pela proposição de Winnicott, por apresentar inúmeras contribuições referentes ao amadurecimento humano que sugerem um trabalho reflexivo e inesgotável devido à amplitude de conceitos e formas de se pensar acerca da adolescência, sem perder de vista o contexto atual.

O encontro com Winnicott

*O ambiente é a alma das coisas. Cada coisa tem uma expressão própria, e essa expressão vem-lhe de fora. Cada coisa é a intersecção de três linhas, e essas três linhas formam essa coisa: uma quantidade de matéria, o modo como interpretamos, e o ambiente em que está. **Bernardo Soares**²*

Escolhida a teoria psicanalítica como fio condutor, o encontro com Winnicott seria de fato inevitável, pois é um querido companheiro de outras tantas caminhadas. Sua companhia sempre é muito agradável. Ao ler seus textos, sempre me senti capturada e a possibilidade de realizar uma leitura muito mais minuciosa fazendo articulações com o tema em discussão incitou-me a enveredar em uma filigrana dessa herança.

Donald Woods Winnicott (1896 – 1971), inglês, médico pediatra e psicanalista, dedicou-se a estudar o desenvolvimento humano. Assim, para explorar a obra winnicottiana “é necessário *brincar* com seu pensamento, ou seja, criar um *espaço transicional* (ou potencial, como ele escreveu) que permita o *brincar*, o *locus* do gesto espontâneo e da criatividade” (OUTEIRAL, 2009, p. 13).

² Bernardo Soares por Fernando Pessoa – “O Livro do Desassossego”- 58 p. 88.

A obra de Winnicott é alicerçada em uma teoria do amadurecimento humano. O seu foco não era a adolescência, todavia ofereceu contribuições importantes para pensar a temática. Nasio (1995) assinala que seus escritos ressaltam a influência do meio ambiente no constituir-se como humano. A produção winnicottiana baliza aspectos fundamentais do psiquismo infantil, e, é nessa proposição que ele vai tecendo uma série de fios que constituem a espinha dorsal do seu trabalho. Desse modo, talvez seja útil retomar brevemente alguns conceitos básicos de sua teoria para, então, compreender onde serão feitas as articulações com a proposição desta dissertação.

Segundo Winnicott (1966), cada ser humano traz um potencial inato para amadurecer, para se integrar. O fato de essa tendência ser inata não garante que ela realmente ocorra, pois dependerá de um ambiente facilitador que forneça os cuidados necessários, sendo que, inicialmente, esse ambiente é representado pela mãe suficientemente boa. Ressalte-se que esses cuidados dependem da necessidade de cada criança, pois cada ser humano responderá ao ambiente de forma própria, apresentando, a cada momento, condições, potencialidades e dificuldades diferentes.

Assim, é possível pensar que o amadurecimento implica alcançar o desenvolvimento do que é intrínseco ao ser humano. Possíveis dificuldades da mãe em olhar para o filho como diferente dela, com capacidade de alcançar certa autonomia, podem tornar o ambiente não suficientemente bom para aquela criança amadurecer. Não é suficiente, apenas, que a mãe olhe para o seu filho com o intuito de realizar atividades mecânicas que supram as necessidades dele; é necessário que ela perceba como fazer para satisfazê-lo e possa reconhecê-lo em suas particularidades.

De acordo com Nasio (1995, p. 186), entende-se como mãe suficientemente boa “a mãe que, durante os primeiros meses de vida do filho, identifica-se estreitamente

com ele, e que na teoria, adapta-se perfeitamente às suas necessidades, ou seja, boa o bastante para que o bebê possa conviver com ela sem prejuízo para sua saúde psíquica”. Nos primeiros meses da vida do bebê, a “mãe suficientemente boa” tem três funções, assim sintetizadas por Winnicott (1966): *holding* (sustentação), *handling* (manejo) e a apresentação dos objetos.

De acordo com Winnicott (1967a), o *holding* se caracteriza pela maneira como o bebê é sustentado no colo pela sua mãe e é, ao mesmo tempo, uma experiência física e uma vivência simbólica, que significa a firmeza com que é amado e desejado como filho. O “segurar” o bebê – pegando-o no colo com firmeza, impedindo-o que caia, acalentando-o, aquecendo-o, amamentando-o, etc. – pode resultar em circunstâncias satisfatórias e acelerar o processo de maturação. Com a repetição desses cuidados, a mãe ajuda o bebê a assentar os fundamentos de sua capacidade de sentir-se real. Na fase do *holding*, o bebê encontra-se no estado de dependência absoluta.

Entretanto, cabe destacar que a independência nunca é absoluta. Na saúde, o indivíduo não se encontra isolado, mas em uma relação de interdependência com o ambiente. Conforme Winnicott (*ibid*), o *handling* consiste na maneira como o bebê é tratado, cuidado, manipulado. Na apresentação dos objetos, a mãe começa a mostrar-se substituível e a propiciar ao seu bebê o encontro e a criação de novos objetos que serão mais adequados ao seu atual estado de desenvolvimento.

Em linhas gerais, Winnicott, com uma nova maneira de conceber a natureza humana, descobriu no brincar um dos elementos centrais na constituição do psiquismo. O ambiente facilitador, a mãe suficientemente boa, o *holding*, o *handling* e o brincar são agentes do cuidado na perspectiva winnicottiana.

A mudança do estado primário para um estado em que a percepção objetiva é possível não é apenas questão de um processo inerente ou herdado; necessita, além disso, de uma mínima provisão ambiental e relaciona-se a todo o imenso tema do indivíduo a deslocar-se da dependência no sentido da independência. (WINNICOTT, 1975 [1971], p. 203)

Todo esse material da relação mãe-bebê fornece subsídios para olhar a adolescência a partir da noção de amadurecimento. Durante essa passagem da infância para a vida adulta o jovem explicita ao mundo todo o processo intrincado do amadurecimento biopsicossocial. Os conflitos com os quais ele se depara durante essa fase, tais como a tensão entre os tempos passado, presente e futuro, a alternância entre autonomia e dependência, a ressignificação dos lugares dos pais e as questões da sexualidade e dos projetos futuros são elementos significativos para compreender a adolescência como um espaço potencial.

O brincar, concebido por Winnicott, não se limita apenas à infância, mas se estende até a vida adulta também. Esse conceito só pode ser entendido se lançarmos mão da noção de transicionalidade, isto é, o campo intermediário entre o mundo psíquico e o mundo socialmente construído. Assim, o lugar que o brincar ocupa não fica dentro nem fora da subjetividade, fica na fronteira. Essa construção nos ajuda a pensar a relação do adolescente com a *Internet*, na medida em que essa nova realidade pode ser pensada como um espaço que se forma entre as realidades interna, subjetiva e externa.

De acordo com Winnicott (1975 [1971], p. 79), “é no brincar e talvez, apenas no brincar, que a criança ou adulto fruem sua liberdade de criação”. Segundo ele, o brincar e a criatividade são inerentes à vida humana, todavia é necessário que haja um ambiente para que essa capacidade possa se realizar. A criatividade não diz respeito apenas à

capacidade de estar vivo, mas está diretamente ligada ao modo como o sujeito se relaciona com o mundo a sua volta de maneira criativa. Ser criativo diz respeito ao universo ampliado das singularidades de cada ser humano: poder planejar o futuro, amar e ser amado, criar os filhos, ter atividades profissionais, ter a casa própria, fazer viagens, escrever um livro, compor uma música, elaborar receitas originais. De posse desses elementos partiremos para a construção de uma noção de projetos de vida.

Assim, os conceitos winnicottianos nos ajudam a tomar novos rumos para conceber à adolescência o seu envolvimento com a *Internet* e os seus planos para o futuro. Todavia procederei de modo a compreender as afirmações de Winnicott, sobre o tema em questão, à luz da totalidade de seu pensamento.

Caracterização e justificativa do objeto de estudo

O adolescente pode ser considerado um dos principais agentes de transformação social, um manancial de expectativas do futuro, atualizando a família e os que estão em seu entorno sobre o que se passa na sociedade. Nesse sentido, ele pode ser considerado um termômetro social, na medida em que sua trajetória expressa questões como autoridade, limites, violência, sexo, feminilidade, etc.

No entanto, na sociedade ocidental não há um acompanhamento, por parte dos adultos, de suas aventuras culturais (MANNONI, 1999). A insegurança característica desse momento é, ainda, realçada pelo desamparo, pela falta de referências, pela falta de continência e pela impossibilidade de criação de projetos para a vida adulta. Projeto de vida aqui tem um sentido mais abrangente, não diz respeito apenas a uma dimensão

profissional, mas à inclusão do sujeito no universo de relações sociais e afetivas, com vistas à implementação de perspectiva para uma vida adulta. Considera-se que esses dois aspectos – profissional e afetivo – são fundamentais para o desenvolvimento de potencialidades, equilíbrio pessoal e o crescente aprimoramento individual e coletivo (NASCIMENTO, 2003; FREUD, 1974).

Assim, justifica-se buscar o entendimento dos projetos de vida dos jovens pelo fato de que nessa etapa da vida eles ainda estão envoltos em muitas dificuldades para conceber imaginariamente uma vida futura.

O adolescente dos dias atuais passa por experiências de extrema velocidade: acesso a uma quantidade de informações quase inesgotáveis e contatos imediatos, sem delimitação de fronteiras físicas, através da *Internet*. Esse recurso não só revolucionou as diferentes tecnologias, mas também mudou a configuração social em que vivemos, a forma como percebemos o mundo, como nos inserimos nele, e, principalmente, a nossa forma de ser (NICOLACI-DA-COSTA, 2005; OUTEIRAL, 2003).

Antes, convivíamos com os espaços: externo, interno e o entre esses. Hoje, entretanto, nos movimentamos num espaço virtual, no qual o mundo das relações pessoais não é mais o mesmo, tendo em vista que uma pessoa pode estar em vários lugares ao mesmo tempo. “O virtual existe sem estar presente” (LÉVY, 1999, p. 48), possibilitando ainda que pessoas se aproximem independentemente de sua localização geográfica, lançando-se em um contato intenso e imediato. A velocidade com que a utilização da *Internet* alcança a população brasileira, em particular ao adolescente, parece ganhar proporções inigualáveis, evoluindo a passos largos, e, diariamente, assiste-se ao crescimento exponencial de jovens acessando a *Internet* – por horas.

Em face dessas mudanças, que acontecem em tempo real, o computador conectado à *Internet* tornou-se para muitos um companheiro fiel, de todas as horas, sobretudo para o adolescente que parece usá-lo como recurso indispensável aos seus contatos com o outro, com o mundo. Tudo isso nos leva a indagar: quais os benefícios que essa forma de comunicação pode trazer para o jovem? Sabe-se que nesta etapa da vida:

Eles não sabem no que vão tornar-se. Não sabem onde estão e o que esperam.

Eles se sentem irreais porque tudo está suspenso e isso os leva a fazer determinadas coisas que lhes parecem reais, e que são bastante reais no sentido de que afetam a sociedade. (WINNICOTT, *apud* OUTEIRAL, 2003).

Objetivos a serem alcançados

Visando investigar as possíveis repercussões do uso da *Internet* na criação dos projetos de vida do adolescente, nesta pesquisa buscou-se refletir especificamente sobre as seguintes questões: Quais os sentidos do uso da *Internet* para o adolescente? Os adolescentes pesquisados se preocupam em criar projetos de vida? É possível relacionar o uso da *Internet* à elaboração de seus projetos de vida?

Disposição metodológica: as trilhas da pesquisa

Esta dissertação é desenvolvida a partir de uma pesquisa de natureza qualitativa, uma vez que é a mais indicada para obtenção das informações necessárias, ou seja, para apreensão do universo de significações. “O trabalho de campo constitui-se numa etapa essencial de pesquisa qualitativa, que a rigor não poderia ser pensada sem ele”. (MINAYO, 2010, p. 202). O construto psicanalítico foi usado como referência para a análise dos dados, especialmente as contribuições winnicottianas.

Participantes

Participaram da pesquisa quinze adolescentes com idades entre 16 e 17 anos. Onze do sexo feminino e quatro do sexo masculino. As duas primeiras entrevistas – piloto – serviram para que algumas modificações e ajustes fossem feitos, para as demais que estavam por vir. Porém, não foram utilizadas para a análise, em virtude de algumas lacunas existentes. Os participantes, destas, foram um menino e uma menina, ficando assim, treze participantes para a análise dos dados.

No decorrer da pesquisa, três participantes do sexo masculino informaram que não tinham interesse em participar. A mãe de um dos adolescentes comunicou que não gostaria que o filho participasse da pesquisa. Em seguida, os outros dois adolescentes, que são amigos do que desistiu, também entraram em contato e pediram para retirar seus nomes. Portanto, essas entrevistas foram arquivadas e o seu conteúdo não faz parte desta construção.

Desse modo, permaneceram dez participantes do sexo feminino, todas estudantes da rede pública estadual da região metropolitana do Recife-PE, cursando entre o primeiro e o terceiro ano do Ensino Médio.

No intento de garantir o sigilo, os nomes reais dos participantes foram substituídos por palavras ou expressões técnicas usadas na *Internet*. Os nomes fictícios foram escolhidos de acordo com as características e aspectos marcantes de cada adolescente. Além disso, alguns de seus dados pessoais, cujo conteúdo era irrelevante para a pesquisa, foram alterados com vistas a garantir o sigilo sobre elas. Cabe ressaltar que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Católica de Pernambuco, registrado com CAAE 0009.0.096.000-10.

Crítérios de inclusão

A definição dos participantes foi feita a partir de alguns critérios pré-estabelecidos pela pesquisadora e sua orientadora: o(a) adolescente deveria ser aluno de escola pública – interessava-nos observar com mais atenção o tipo de uso da *Internet* e a elaboração de projetos de vida nessa população –, residir na região metropolitana do Recife, ter idade entre 16 e 18 anos e acessar diariamente a *Internet*. O número necessário de participantes somente com o decorrer da pesquisa foi possível definir, pois numa busca qualitativa preocupamo-nos menos com a generalização e mais com o aprofundamento e abrangência da compreensão para que a ela fosse concluída de forma satisfatória (MINAYO, 2010).

Inicialmente, um adolescente conhecido da pesquisadora – mas que não se adequava às exigências da pesquisa – indicou seus amigos como potenciais participantes. Em virtude da dificuldade de adesão dos adolescentes, por desinteresse,

ou por não ter a autorização dos pais, algumas escolas foram visitadas e alguns alunos se dispuseram a participar. Mas o número de adolescentes obtidos assim foi insignificante, apenas quatro. Daí em diante, a inserção de outros participantes se deu através da amostragem por bola de neve (TURATO, 2003), que consiste em um entrevistado ir indicando o outro, sucessivamente e o pesquisador vai penetrando no grupo de pessoas com a mesma característica de vivência.

Instrumentos

O instrumento utilizado foi a entrevista aberta, que obedeceu, no entanto, a um roteiro semiestruturado. De acordo com Minayo (2004, *apud* MINAYO, 2010, p. 189), “a entrevista deve orientar uma conversa com finalidade. (...) O guia de entrevista deve conter apenas alguns itens indispensáveis para o delineamento do objeto em relação à realidade empírica, facilitando abertura, ampliação e aprofundamento da comunicação”.

Assim, a decisão pela entrevista semidirigida foi motivada pela possibilidade de escuta mais livre, com mais flexibilidade para criar novas questões, quando necessárias, por parte da pesquisadora.

A coleta de dados

Ao encontrar os possíveis participantes, apresentava-me, falava sobre a pesquisa e esclarecia a respeito dos objetivos. Por se tratar de adolescentes (menores de idade), entregava o T.C.L.E. – Termo de Consentimento Livre Esclarecido – para o responsável assinar e agendava um novo encontro para então fazer a entrevista. Com os participantes das escolas visitadas pedia uma autorização por escrito do(a) diretor(a) responsável pela

escola. Entrava em contato com o aluno, explicava e procedia da mesma forma explicitada anteriormente. Os pais e/ou responsável e os adolescentes foram informados através do T.C.L.E. acerca do conteúdo do trabalho, de maneira clara e objetiva, deixando a seu critério a decisão de participar do estudo. Dessa forma, eles ficaram livres para desistir, caso sentissem necessidade.

As entrevistas foram realizadas no período de janeiro de 2011 a abril de 2011, em diversos lugares – casa do participante, casa de amigos dos entrevistados, no pátio de escolas, sala de professores e biblioteca. O local era, geralmente, indicado pelo adolescente participante. Segundo Pichon-Rivière (1991, p. 104), “quanto melhor acontecer esse momento, melhor se construirá a posterior interpretação dos dados coletados”. Os registros das informações, necessárias e relevantes para a pesquisa, foram escritos e gravados mediante consentimento dos participantes.

A análise dos dados

Objetivando conhecer a autopercepção do adolescente a respeito da adolescência, da sua relação com a *Internet*, e dos seus projetos de vida, o percurso feito tomou como ponto de partida o desdobramento das entrevistas e o devido destaque foi dado às falas relevantes que consolidam essa discussão.

Para facilitar a compreensão da análise dos dados foi criado um perfil do adolescente participante, onde constam as seguintes informações: nome fictício, idade, localidade em que reside, religião, escola em que estuda, quanto tempo passa conectado à *Internet* e o que faz na *internet*.

Já no processo de análise dos dados coletados, seguiram-se os pressupostos da análise temática que:

[...] consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado. E [...] Operacionalmente desdobra-se em três etapas: 1ª) A Pré-Análise; 2ª) Exploração do Material; 3ª) Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação (MINAYO, 2010, pág. 316 – 317).

Após a realização das entrevistas e suas transcrições, seguiram-se as etapas indicadas por Minayo (2010). Foram feitas várias leituras das entrevistas, no intuito de reconhecer aproximações e divergências consonantes com o que diz a literatura estudada. Núcleos de sentido foram construídos, as significações apareceram e foram interpretadas nos discursos dos adolescentes.

Composição da dissertação

A dissertação é composta por três capítulos.

O primeiro, intitulado de **Agora não, mais tarde: o adolescente e a transição para a vida adulta**, trata de uma reflexão dos principais aspectos que caracterizam a vida psíquica do adolescente, especificamente os conflitos que fazem parte desse momento. Dentre os pontos destacados estão questões como: a fragmentação das subjetividades contemporâneas; o que diz a literatura a respeito do adolescente dos dias atuais; as considerações winnicottianas sobre os adolescentes; e o sentido do tempo para o adolescente.

O segundo capítulo, denominado de **Adolescente e *Internet*: experiência real e singular**, tem como propósito discutir sobre a relação do adolescente com a *Internet* e possíveis articulações com os conceitos winnicottianos de transicionalidade, ilusão, espaço potencial e experiência cultural.

O terceiro capítulo, eixo central dessa pesquisa, intitulado “**Como será o amanhã? Responda quem souber!**” **As implicações da *Internet* nos projetos de vida do adolescente**, reflete a respeito dos projetos de vida do adolescente e as implicações da *Internet* em sua criação.

Buscou-se apresentar um conceito de projeto de vida, entendido aqui em um sentido mais abrangente, não apenas como uma dimensão profissional, mas como a inclusão do sujeito no universo de relações sociais e afetivas – constituição de uma nova família; projetos de viagem; inserção em nova instituição – com vistas à implementação de perspectivas para uma vida adulta. Questionou-se como os adolescentes constroem no presente suas perspectivas de futuro; discutiu-se sobre a maioridade e o mito da independência aos 18 anos; e analisou-se, a partir dos dados coletados, o que diz o adolescente sobre a adolescência, sua relação com a *Internet* e sobre os seus projetos de vida. Essa análise dá relevo aos projetos de vida e às implicações da *Internet* na criação deles a partir da autopercepção do adolescente entrevistado.

As certezas do caminho

A certeza que fica é a ilustrada no poema de Fernando Sabino³:

De tudo, ficaram três coisas:

A certeza de que estamos sempre começando.

A certeza de que precisamos continuar.

A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar.

Portanto devemos:

Fazer da interrupção um caminho novo.

Da queda um passo de dança.

Do medo, uma escada.

Do sonho, uma ponte.

Da procura, um encontro.

³ **O encontro marcado**, Fernando Sabino, 1923.

CAPÍTULO I

1 AGORA NÃO, MAIS TARDE: O ADOLESCENTE E A TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA

A que lugar esta transição tão falada por todos leva o adolescente?

Esta é a questão que será discutida aqui, a partir da perspectiva teórica winnicottiana – embora a adolescência não tenha sido seu principal objeto de estudo. No escopo de sua obra há fatores que podem ser explorados de modo fecundo para se abordar as especificidades da passagem da infância para a vida adulta. Para dar conta dessa empreitada, além dos construtos de Winnicott, lanço mão de outros teóricos contemporâneos.

Vale ressaltar que nenhuma referência teórica é suficiente para abordar integralmente o adolescente e a adolescência. Contudo, a partir dessa discussão, abrem-se algumas vias de reflexão no intento de contribuir para esclarecer uma problemática que concerne ao campo ampliado do biológico, do psicológico e do social.

Desse modo, tem-se como propósito refletir sobre as particularidades que organizam a adolescência na contemporaneidade, especificamente os conflitos que fazem parte desse momento. As questões utilizadas para a construção deste texto vão girar em torno do que diz a literatura psicanalítica sobre o adolescente contemporâneo, os conceitos winnicottianos que permitem refletir sobre a adolescência e o sentido do tempo para o jovem.

O caráter volátil, provisório e instável dos mais variados domínios da existência humana nos dias atuais parece incidir diretamente sobre as concepções de liberdade, segurança e medo, como também de identidade, amor e sociedade. Isso pode servir de

suporte para compreender o tenso estado de incompletude em que se encontra a juventude.

Assim, esse momento é um convite para que ampliemos nosso olhar e contemplemos a adolescência como um fenômeno complexo e multifacetado, que gera diferentes formas de leituras.

1.1 Alguma coisa está fora da ordem

*Começo a conhecer-me. Não existo.
Sou o intervalo entre o que desejo ser
e o que os outros me fizeram,
ou metade desse intervalo, porque também há vida ..
Sou isso, enfim ...*

Álvaro de Campos⁴

A contemporaneidade demarca um período caracterizado pela fragmentação das experiências do ser humano – a perda de sentimento de “ser inteiro” – uma vez que as certezas foram relativizadas, as opções se multiplicaram e não há parâmetros para escolher o que fazer e qual caminho seguir. Os sujeitos dos tempos atuais são guiados por bússolas que parecem estar quebradas, pois esses se encontram perdidos, atônitos e desprovidos de rituais de passagem que lhes permitam lidar com seus problemas reais e ascender à condição de sujeito desejante.

A falta de referências, a busca frenética pelo corpo ideal, o consumo sem limites e o empobrecimento dos laços afetivos são inscrições desse capítulo da história da

⁴ Começo a conhecer-me. Não existo. **Poesias de Álvaro de Campos**. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993). 124

subjetividade humana. Os impactos das transformações culturais repercutem diretamente na constituição do psiquismo humano, e, muitas vezes, produzem configurações subjetivas frágeis. No entanto, essa fragilidade não pode ser uma constante, dificultando o encontro com o outro.

Segundo Hoffman (2010), o sujeito hoje não encontra respostas às suas demandas na relação com o outro. Essas respostas são fundamentais para seu amadurecimento. Nessa falha na constituição psíquica, instala-se um buraco na subjetividade que faz exatamente uma ponte com o fantasma, uma janela sobre o real. Nesse caso, tendo uma referência empobrecida ou ausente, o sujeito fragiliza-se em sua constituição.

Desse modo, a perda de sentido da vida, a crise de identidade, o medo do aniquilamento e o hedonismo são o que entram em cena no mal-estar contemporâneo e ganham os papéis principais. “Por isso mesmo, as noções de alteridade e intersubjetividade se esvaziam e tendem ao silêncio na sociedade narcísica do espetáculo.” (BIRMAN, 2000, p. 190)

Nesse sentido, o mundo atual configura-se num apelo ao instável, ao imprevisível, aos perecíveis e descartáveis, e ao que é, portanto, líquido. Logo, “nossas instituições, quadro de referências, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades autoevidentes” (BAUMAN, 2001, p. 6).

Freud assinala o quanto é difícil existir e quão inumeráveis são os percalços que a sociedade impõe aos seus membros. Desse modo,

Tal como para a humanidade em geral, também para o indivíduo a vida é difícil

de suportar. A civilização de que participa impõe-lhe uma certa quantidade de privação, e outros homens lhe trazem outro tanto de sofrimento, seja apesar dos preceitos de sua civilização, seja por causa das imperfeições dela. A isso se acrescentam os danos que a natureza indomada - o que ele chama de Destino - lhe inflige. Poder-se-ia supor que essa condição das coisas resultaria num permanente estado de ansiosa expectativa presente nele e em grave prejuízo a seu narcisismo natural. (FREUD, 1927, p. 27)

Por outro caminho, Fernando Pessoa em sua poesia intitulada “Começo a conhecer-me. Não existo”, traduz o homem contemporâneo, aquele que parece mais frágil, mais impotente diante da sua solidão, impotente diante da exigência da sociedade que a ele pede tudo, impotente para dar conta de enfrentar a liberdade sozinho, que começa a se conhecer e se dá conta que “não existe”. Aquele que é o intervalo entre o que deseja ser e o que os outros o fizeram, ou, ainda, metade desse intervalo, porque também há vida... É isso, enfim, que é o homem contemporâneo. Imerso nesse ideal cultural, onde os objetos de consumo prometem a satisfação imediata na busca incessante pela complementariedade. Paradoxalmente, o consumismo não dá conta de realizar o desejo humano que é inominável e insaciável.

Voltando a Freud (1914), vemos que ele reconhece o desamparo humano como estrutural e originário. Que o sujeito tem que se haver com o seu desejo, com a sua falta. No entanto, na cultura de hoje não se tolera sofrer, não se tolera esperar. Desse modo, as inúmeras transformações socioculturais que têm marcado o homem contemporâneo imprimiram um novo rumo a sua subjetividade. Colocando-a a serviço do imediatismo, da intolerância ao sofrimento e ao autocentrismo, este homem vive permanentemente sobre o registro de sua própria imagem.

Nessa mesma linha de raciocínio, a sociedade dos dias atuais é regida por uma ênfase no narcisismo. Freud (1914) associava as doenças orgânicas ao narcisismo, uma vez que em ambos a pessoa volta todo seu interesse para si própria. Logo, existe uma fase narcísica no desenvolvimento do ser humano.

Nesse sentido,

O que justamente caracteriza a subjetividade na cultura do narcisismo é a impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que não consegue se descentrar de si mesma. [...] o sujeito do espetáculo encara o outro apenas como objeto para seu usufruto. [...] O outro lhe serve apenas como instrumento para o incremento da autoimagem, podendo ser eliminado como dejetos quando não mais servir para essa função abjeta (BIRMAN, 2000, p. 25).

Assim, a fragmentação da subjetividade ocupa lugar privilegiado na cultura ocidental. Tornou-se matéria-prima para diferentes formas de subjetivação, tendo como expressão predominante o narcisismo, conforme o autor supracitado.

Ainda em Fernando Pessoa, no poema denominado de “Mistério”⁵, há a preocupação com a metafísica e também com o incômodo de não encontrar sentido para a existência, incômodo este que corrobora as vicissitudes próprias do modo de vida contemporânea – onde não se tolera o sofrimento.

Ah, perante esta única realidade, que é o mistério,
Perante esta única realidade terrível - a de haver uma realidade.
Perante este horrível ser que é haver ser.
Perante este abismo de existir um abismo,

⁵ Mistério. **Poesias de Álvaro de Campos**. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993). 94

Este abismo de a existência de tudo ser um abismo,
 Ser um abismo por simplesmente ser,
 Por poder ser,
 Por haver ser!
 E deste medo, desta angústia, deste perigo do ultra-ser,
 Não se pode fugir, não se pode fugir, não se pode fugir!

Cárcere do Ser, não há libertação de ti?
 Cárcere de pensar, não há libertação de ti?

Assim, mediante as exigências do mundo contemporâneo, onde “o sujeito é tomado pelo excesso de cabo a rabo” (BIRMAN, 2000, p.44), emergem novas modalidades de se constituir como sujeito, de se constituir como adulto. Vejamos como o adolescente enfrenta essa passagem.

1.2 Linhas gerais: O que diz a literatura psicanalítica sobre o adolescente contemporâneo

*Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?
 Ser o que penso? Mas penso tanta coisa!
 Álvaro de Campos⁶*

A transição do mundo da infância para o mundo adulto, denominada adolescência, é uma criação ocidental, relativamente nova, onde as experiências vividas nessa fase provocarão mudanças que repercutirão na construção da identidade do adolescente e servirão de eixo norteador na sua vida privada e pública (OUTEIRAL, 2003; MANNONI, 1999; LEVISKY, 1998; ABERASTURY; KNOBEL, 1981).

⁶ *Poesias de Álvaro de Campos*. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993). 94

Para Anna Freud (1978), a adolescência era um período de desequilíbrio psíquico e comportamento instável em virtude dos conflitos internos associados à maturação sexual. Desse modo, a revolução que acontecia nesta fase era apenas uma manifestação externa dos ajustamentos ocorridos internamente.

Os adolescentes são excessivamente egoístas, considerando-se o centro do universo e o único objeto de interesse. (...) Eles são capazes de travar as relações amorosas mais apaixonadas, e de terminá-las tão abruptamente quanto as começaram. Por um lado, eles se introduzem entusiasticamente na vida da comunidade e, por outro, têm uma necessidade extrema de solidão. Eles oscilam entre uma submissão cega a um líder eleito e uma rebelião desafiadora contra qualquer tipo de autoridade. São egocêntricos e materialistas e, ao mesmo tempo, cheios de ideia elevadas. (...) (ANNA FREUD *apud* GALLANTIN, 1978, p. 53).

O adolescente é apresentado, em grande parte da literatura, como sujeito de comportamentos instáveis, com frequentes crises de identidade, apresentando conflitos intensos em relação a si e com o mundo externo. Parece redundante, não? Trata-se de um adolescente mesmo ou do sujeito adulto? Afinal de quem se está falando?

Autores como Calligaris (2000) e Outeiral (2003) apontam que crianças e adultos estão na atualidade apresentando comportamentos tipicamente adolescentes. Os adultos têm comportamentos, hábitos e até mesmo visual de adolescentes, parecem não temer jogar tudo para o alto. Vivem uma nova realidade social – muitos são filhos de pais separados, de pais que trabalham fora e com novas tecnologias cada vez mais presentes no cotidiano das famílias. Isso significa que a questão geracional é marcada pelas imposições sociais, revelando dificuldades nessa passagem – adolescente-adulto.

Segundo Khel (2004), essas transformações estão atreladas ao discurso liberal da contemporaneidade, que dissimula a desatenção e o abandono para com o adolescente. Um adulto ao ser indagado sobre seu papel frente ao adolescente dará habitualmente uma resposta: “deixe ele fazer o que quer”. Nas sociedades atuais, ainda conforme a autora, “cada indivíduo se crê pai de si mesmo, sem dívida e nem compromisso com os antepassados, incapaz de reconhecer o peso do laço com os semelhantes, vivos e mortos, na sustentação de sua posição subjetiva” (KHEL, 2002, p.13).

Nessa perspectiva, a instituição familiar na atualidade tem se movimentado a partir de uma base na qual não há uma posição hegemônica. A perda de referenciais se deve a um ataque às instituições. A manipulação, a massificação e a liquidez das relações conduzem o indivíduo a caminhar sem um direcionamento ou ir pelo mesmo caminho que vai a maioria. Isto é, perder o seu poder de transformação e de criticidade.

Separar-se da família torna-se uma tarefa com que todo jovem se defronta, e a sociedade frequentemente o auxilia na solução disso através dos ritos de puberdade e de iniciação. Ficamos com a impressão de que se trata de dificuldades inerentes a todo desenvolvimento psíquico - e, em verdade, no fundo, a todo desenvolvimento orgânico. (FREUD, 1930 [1929] p. 124).

Será que nos dias atuais a sociedade auxilia o jovem em seus ritos de passagem, como baliza Freud? Segundo ele, não é possível separar a crise de identidade individual do contexto sócio-histórico no qual está inserido o adolescente. Por ser essa fase intrínseca ao ser humano, torna-se um momento paradoxal que impõe modificações corporais, psíquicas e sociais.

Hoje, existem movimentos diferentes no que concerne à adolescência, na medida em que as demandas e os apelos ao crescimento aumentam progressivamente, exigindo

do adolescente que reestruture seu eu, re-signifique seus papéis e seu lugar tanto na família como também na sociedade, construindo sua personalidade adulta de forma muito veloz. Há um outro lado onde a infância se prolonga, isto é, os filhos permanecem na dependência dos pais e perdura o processo de amadurecimento e autonomia.

Calligaris (2000) chama a atenção para o fato de o adolescente, em virtude do processo de busca de si, procurar demarcar suas diferenças e, no entanto, construir identidades grupais com símbolos bem definidos para terem rápido reconhecimento. Seguindo essa linha de raciocínio, a formação de identidade envolve a criação de um sentido de unicidade, necessária nessa etapa de vida, embora ela seja transmitida ao longo do tempo.

O outro tem papel relevante na definição da identidade: o jovem vê refletido no seu grupo de amigos parte da sua identidade e preocupa-se muito com a opinião deles. Por vezes procura amigos com "maneiras de ser" divergentes daquela em que cresceu para poder colocar em xeque os valores dos pais, testando possibilidades para construir a sua própria "maneira". Essa característica torna o estilo adolescente facilmente comercializado, uma vez que seus *looks* podem variar na busca de uma performance.

Logo, é por meio da experiência grupal, na adolescência, que se vive um jogo de identificações, partilha de segredos – estabelecimento dos vínculos – e experiências essenciais para o seu desenvolvimento. Segundo Freud (1921, p. 96), “se os indivíduos do grupo se combinam numa unidade, deve haver certamente algo para uni-los”. A fidelidade permite ao indivíduo a devoção a uma causa – compromisso com certos valores. Também permite confiar em si próprio e nas outras pessoas, e, como tal, a interação social é muito valorizada.

A pungente marca da falta sinaliza que a estabilidade e a segurança dependem em grande parte do meio e de referenciais construídos com base nos vínculos. Essas marcas estão presentes na memória afetiva e interferem na construção subjetiva. Puget e Berenstein (1993) demarcam que um vínculo se forma por meio de estipulações equivalentes a um contrato inconsciente. Para estes autores, a efetivação deste contrato se dá a partir de acordos e pactos inconscientes. Os acordos imprimem um tipo de negociação do que pode ser compartilhado, para dessa forma, satisfazer o desejo do outro.

O enlace entre o eu e o outro é condição *sine qua non* para constituir o vínculo. Não se trata apenas da presença do outro, mas do que está entre o eu e o outro possibilitando os investimentos para o processo de constituição da vida psíquica e de subjetivação. Assim, a existência de um sujeito está ancorada em seu aspecto fundante como ser de relação. É na relação do ser com o outro que nos constituímos como sujeito. Nessa perspectiva, o adolescente precisa se relacionar com seus iguais para se sentir como tal.

1.3 Winnicott: questões relevantes para pensar a adolescência

Quando chega a adolescência, meninos e meninas emergem de modo irregular e desajeitado da infância e da dependência, em direção ao estado de adultos.⁷

Winnicott

⁷ Winnicott, 1968: A imaturidade do adolescente. In: **Tudo começa em casa.** p. 153

Para discutir a adolescência, Winnicott (1963b [1961], p. 163) buscou, antes de iniciar qualquer exploração nessa área, fazer algumas indagações. Como ponto de partida, perguntou: “Desejarão os rapazes e as moças adolescentes ser compreendidos?” A esse questionamento, ele mesmo respondeu: “Penso que a resposta é não. (...) É essencial um período de descoberta pessoal. Cada indivíduo está empenhado numa experiência vital, um problema de existência, e de estabelecimento de uma identidade.” Desse modo, o adolescente não deseja ser compreendido por que ainda não se conhece, ele necessita realizar a sua própria trajetória.

Algumas das demais proposições lançadas por Winnicott são as seguintes (ibid., p.166,174):

- Como ser adolescente durante a adolescência?

- Não é sinal de saúde da sociedade o fato de que os adolescentes possam ser adolescentes no tempo certo, isto é, na idade que abrange o crescimento pubertal?

Seguindo as pistas deixadas por Winnicott (1961) para enveredar nessa trama denominada adolescência, podemos fazer uso de alguns dos seus construtos teóricos como as teorias do amadurecimento e do espaço potencial. A escolha desses pressupostos tem suas justificativas: num primeiro momento, a teoria do amadurecimento, denominada por ele a espinha dorsal do seu trabalho, cuja trajetória só pode ser percorrida com a existência de dois aspectos: a tendência inata ao amadurecimento e a permanência ininterrupta do ambiente facilitador, ambos pontos nodais na constituição da subjetividade, não tem um sentido absoluto de desenvolvimento linear, mas, como ele próprio assinala:

Ao tratar desse desenvolvimento sabemos que estamos falando da totalidade da infância e, em especial, da adolescência, e se estamos falando de adolescentes, estamos falando de adultos, porque nenhum adulto é adulto o tempo todo. Isso

porque as pessoas não têm apenas a sua própria idade; elas têm, em certa medida, todas as idades ou nenhuma idade (1960b, p. 154).

Para Winnicott (1968, p. 47), “a unidade é a conquista básica para a saúde no desenvolvimento emocional de todo ser humano”, isto é, cada indivíduo está destinado a amadurecer e integrar-se, implicando em um tornar-se inteiro. Se o ser humano possui essa tendência, é preciso uma sustentação. Quem favorece isso num primeiro momento é a mãe. A mãe precisa fazer um percurso para remontar a sua própria experiência nos seus primeiros momentos de vida.

No entanto, não há linearidade, pois o crescimento segue trilhas distintas. Há movimentos de ida e volta. No fundo, essa tendência revela uma temporalidade da existência. Na medida em que o bebê cresce, vai acumulando suas experiências em forma de etapas ou estágios até a morte. Nesse sentido, ao passar por cada estágio ou etapa da vida, muitas tarefas e conquistas de diferentes naturezas são impostas ao indivíduo no decorrer do amadurecimento (WINNICOTT, 1968). Assim, “à medida que o amadurecimento avança, as tarefas se complexificam, sendo que, se o indivíduo está saudável, ele pode envolver-se e lidar, naturalmente, com as que são específicas de sua faixa etária” (DIAS, 2003, p. 98).

Ao falar do adolescente, tomando como base a teoria winnicottiana, estamos aludindo à infância, uma vez que ele revive, de maneira especialmente intensa, experiências e defesas próprias da infância mais remota. Desse modo, as experiências paradoxais vividas na passagem da infância para a vida adulta podem ser entendidas se inseridas na teoria do espaço potencial, lugar de passagem; passagem do tempo passado para o futuro; passagem da infância para a vida adulta, do lócus privado para o público, onde há um afastamento dos pais e um investimento em um novo grupo de

pertencimento; passagem da alternância entre a dependência e a rebeldia, e a passagem para o mundo das experiências sexuais.

Quando o menino e a menina têm que lidar com os conflitos inerentes a essa faixa etária, são levados a transitar na área da ilusão, denominada por Winnicott (1975 [1971]) de espaço potencial. O termo ilusão é utilizado por ele, não como engano dos sentidos ou devaneios, mas como instância de criatividade. É uma área onde nasce a atividade criativa “necessária” para a construção do sentido de continuidade da existência.

Assim, as mudanças decorrentes do desenvolvimento púbere permitem que o adolescente vá se constituindo como unidade separada, reconhecendo-se e encontrando-se nas experiências essencialmente complexas desse momento da vida. No entanto, Winnicott (1961) chama a atenção para o importante papel que o ambiente e a família desempenham na época em que meninos e meninas precisam lidar com os conflitos peculiares a essa fase, aceitando-os e tolerando-os. Na medida em que o adolescente se organiza para combater toda a tensão vivida, necessita da provisão do ambiente e do suporte familiar para suportar o processo de amadurecimento que conduz, ao final, ao surgimento da pessoa adulta.

1.3.1 O adolescente e a provisão do ambiente

Dentre os animais conhecidos e existentes sobre a face da terra, o ser humano é o mais dependente ao nascer. Necessita ser alimentado, higienizado, aquecido, afagado, enfim, depende absolutamente do outro – a essa impossibilidade do bebê satisfazer suas necessidades, Freud (1914) chamou de desamparo – para alcançar as mínimas condições na tarefa de manter-se vivo.

No entanto, manter-se vivo não é suficiente para o homem. Segundo Winnicott (1970), o ser humano ao ingressar no mundo depende de um ambiente facilitador⁸ o qual forneça os cuidados necessários. Inicialmente, esse ambiente é representado pela mãe suficientemente boa⁹. É importante ressaltar o quanto esses cuidados dependem da necessidade de cada criança, pois cada ser humano responderá ao ambiente de forma própria, apresentando, a cada momento, condições, potencialidades e dificuldades diferentes. Assim, não há este acontecimento de um bebê sem uma mãe, isto é, ele também está registrando que “não existe mãe, nem bebê, sem pai, sem família” (OUTEIRAL, 2003).

Desse modo, ao ingressar no mundo, o sujeito se põe na instituição denominada família, repleta das mais variadas necessidades e simbolismos, que o coloca em contínua dependência do outro. Pode-se dizer até muito mais: a aventura do constituir-se humano gera uma complexa interseção de trocas, conflitos, paixões, angústias, contradições, embates e daí por diante.

A família ocupa um lugar singular na vida do indivíduo e é nela que se inscrevem os primeiros registros vinculares que interligam o sujeito com o mundo. Para Winnicott (1966), a família se institui como um grupo, cujo arranjo está diretamente ligado à constituição da personalidade de cada indivíduo. Isto é:

A família é o primeiro agrupamento, e de todos os agrupamentos é o que está mais próximo de ser um agrupamento dentro da unidade da personalidade. O

⁸ **Ambiente facilitador** – proteger o seu bebê de complicações, e fornecer-lhe, de maneira uniforme o mundo que passa a conhecer através dela.

⁹ **Mãe suficientemente boa** - não necessariamente a própria mãe do bebê, é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que diminui gradativamente segundo a capacidade deste em aquilatar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração.

primeiro agrupamento é simplesmente uma duplicação da estrutura unitária. Quando dizemos que a família é o primeiro agrupamento, estamos falando muito naturalmente em termos de crescimento do indivíduo, e isso se justifica pelo fato de que a mera passagem do tempo não tem nenhum vínculo com a vida humana que se compare, em força, ao vínculo que se relaciona ao fato de que num certo ponto do tempo, cada pessoa começa sua vida e, por um processo de crescimento, faz com que uma área do tempo seja pessoal (WINNICOTT, 1966, p. 126 - 127).

Tudo isso coloca o entendimento da família como uma instância fundamental para o desenvolvimento do indivíduo. No entanto, é preciso considerar o conceito de família como algo muito conservador e, paradoxalmente, inovador.

É um conceito antigo se for considerado que o desamparo humano, de acordo com Freud (1914), é estrutural e originário, precisando o homem, invariavelmente, em seus primeiros anos de vidas dos cuidados do outro para sua sobrevivência. É “tarefa da mãe”, no início, “proteger seu bebê de complicações que ainda não podem ser entendidas por ele, e regularmente, abastecer o bebê com a parte simplificada do mundo que ele, através dela virá a conhecer” (WINNICOTT, 1955 *apud* PHILLIPS, 2006).

É paradoxalmente novo, na medida em que a família passa por transformações socioeconômicas e ideológicas e estas a colocam em uma nova ordem, produzindo diferentes modalidades de subjetivação na contemporaneidade. Pode-se dizer com isso

[...] que o novo e o velho estão sempre engendrados nas experiências de um sujeito e de uma família, sem que necessariamente essa situação seja visível. [...] Esses dois aspectos estão presentes quando pensamos nas metamorfoses da

família, sendo, portanto, indispensável considerá-los quando se trata de investigar as funções do grupo familiar. (PASSOS, 2005, p. 11)

Para compreender a família ontem e hoje, é preciso inscrevê-la como um lugar onde: se funda a vida psíquica¹⁰; estabelecem-se os primeiros vínculos; o sujeito se constitui; acontece o processo de socialização primária, onde as funções, os lugares e as posições contribuem para o processo de subjetivação.

A constituição do sujeito acontece de forma processual e é na família onde ela se dá primariamente. Ao nascer, a criança precisa ser apresentada ao mundo, adaptar-se a ele, e esta tarefa cabe à mãe, como destacado por Winnicott (1966). É a partir da relação parental que o sujeito poderá internalizar as leis, os valores, as crenças que permeiam o seu entorno. Sendo assim, torna-se adaptado aos padrões culturais fundamentais da sociedade da qual faz parte. Mello (2002, p. 18, grifos da autora) diz que “os sujeitos ocupam seu lugar no mundo modificando-o e modificando-se, mas a partir daquelas ‘verdades’ interiorizadas desde o nascimento.”

O palco das relações primárias permite, ou não, que o sujeito se aproprie da sua história, tornando-se o protagonista, exercendo a função que lhe é devida, colocando-se geograficamente no seu devido espaço, possibilitando, dessa maneira, a sua subjetivação dentro do grupo. Assim, a família é composta de membros que têm, em grupo, diferentes dinâmicas de investimento. O funcionamento psíquico inconsciente difere do funcionamento individual, e este último interfere na constituição do funcionamento familiar (EIGUER, 1989).

¹⁰ A psicanálise não tem como objeto o conhecimento da realidade social, mas sim a construção da realidade psíquica sobre a qual se apoia e se modela, a partir da qual ela se origina para constituir sua ordem própria. René Kaës, em o grupo e o sujeito do grupo, (s/d), p.98.

Winnicott (1960a, p.131) assinala que o cuidado, inicialmente materno, tem um caráter processual, pois começa com a mãe, é dividido com o pai e depois propagado para toda a família no sentido mais amplo (avós, primos e outros indivíduos considerados parentes pela sua proximidade ou significado especial). Essa evolução do cuidado dentro do grupo familiar prolonga-se até os filhos na adolescência. Assim, é notória “a necessidade humana de ter um círculo cada vez mais largo proporcionando cuidado ao indivíduo”.

Desse modo, “a criança saudável chegará à adolescência já equipada com um método pessoal para atender aos novos sentimentos, tolerar situações de apuro e rechaçar situações que envolvam ansiedade intolerável”. O papel exercido pelo ambiente é, sem dúvida, muito expressivo e o processo de amadurecimento requer uma provisão ambiental satisfatória. No entanto, não se quer dizer com isso que o ambiente é bastante bom para impedir dificuldades, principalmente nessa fase. “Até nas melhores circunstâncias, quando o ambiente facilita os processos de maturação, cada adolescente ainda tem muitos problemas pessoais e muitas fases difíceis a transpor.” (WINNICOTT, 1963b, p. 164, 165).

Assim, Winnicott (1963b, p.162, grifos do autor) assinala que:

O principal é que a adolescência é mais do que a puberdade física, ainda que esteja muito baseada nela. Adolescência implica crescimento, e esse crescimento leva tempo. Ainda que ocorra crescimento, *a responsabilidade é dever das figuras parentais*. Se elas abdicam, os adolescentes são obrigados a um salto para a falsa maturidade, perdendo sua maior riqueza: a liberdade de ter ideias e agir por impulso.

1.3.2 Adolescente: rebeldia e dependência

A mistura rebeldia e dependência acompanha o adolescente. Segundo Winnicott (1961, p.117), “é característica da faixa etária em questão a rápida alternância entre independência rebelde e dependência regressiva, e mesmo a coexistência dos dois extremos num mesmo momento”. A dificuldade do adolescente e dos pais lidarem com as perdas e a transição que é singular a essa fase, coloca o sujeito diante da dificuldade de lidar com opostos. Isto é, as exigências por parte dos pais para que os filhos ora se comportem como adulto, ora se comportem como criança, leva o adolescente a ter dificuldades em se deslocar do presente: ainda está preso ao passado, mas precisa se projetar para futuro mesmo sem ter alcançado a maturidade.

A complexidade de transitar entre a infância e a vida adulta torna-se para o jovem uma difícil tarefa para o estabelecimento da própria identidade. No entanto, alternar entre dependência e rebeldia é uma experiência necessária, pois o adolescente precisa viver essa ambivalência, isto é, esses momentos de afastamento e aproximação da família. O isolamento, muitas vezes representa um encontro consigo mesmo, uma elaboração dos conflitos inerentes a este momento. Assim, ele ainda não está pronto para ser adulto: “o adolescente está empenhado em descobrir o próprio eu para lhe ser fiel”. (WINNICOTT,1963b, p.170)

Nesse sentido, na rebeldia o adolescente rompe com esse núcleo que se relaciona, desde os primeiros momentos da vida, e lhe deixa seguro. Porém, é necessário destacar que para que haja sucesso nesse rompimento é essencial duas coisas acontecerem: a ampliação do seu círculo e a saída do colo da mãe. O círculo ampliado indica que o sujeito foi aceito por um grupo e passa a ter um novo/outro grupo de pertencimento. A

saída do colo da mãe implica amadurecimento, um poder de caminhar com as próprias pernas.

Assim, a vida de um indivíduo saudável é caracterizada por medos, sentimentos conflitivos, dúvidas, frustrações, tanto quanto por características positivas. “O principal é que o homem ou a mulher sintam que *estão vivendo sua própria* vida, assumindo a responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir os aplausos pelo sucesso ou as censuras pelas falhas”. Em outras palavras, pode-se dizer que o indivíduo emergiu da dependência para a independência relativa, ou autonomia (WINNICOTT, 1963^a, p. 10, grifos do autor)

1.4 O sentido do tempo para a adolescência

De fato, existe somente uma cura real para a adolescência: o amadurecimento. Isso e a passagem do tempo resultam no final, no surgimento da pessoa adulta.¹¹

Winnicott

Nos dias atuais, o menino ou a menina para ascender à vida adulta precisa passar por várias etapas que envolvem uma infinidade de variáveis e possibilidades, tornando esse momento muito mais complexo e cadenciado na busca da sua identidade adulta. As marcas fundamentais do desenvolvimento dessa geração estão situadas no advento da tecnologia e na massividade das informações, provocando, com isso, alterações significativas no modo de estar no mundo, ou seja, no conjunto de valores éticos, sociais, morais, crenças e na qualidade das inter-relações.

¹¹ WINNICOTT, D. W. 1963 [1961]: A luta para superar depressões. In: **Privação e delinquência**.

Não se quer dizer com isso que os jovens de tempos passados atravessaram a adolescência sem enfrentar transformações, cobranças, conflitos e dificuldades exigidas para a sua inserção na comunidade adulta. Cada geração defronta-se com as questões peculiares da realidade social na qual está inserida. (ARATANGY, 2011; LEVISK, 1998).

Segundo Winnicott (1967b), essa etapa é um processo natural da vida que não se pode acelerar, impedir, evitar ou adiar, pois é necessária para alcançar o amadurecimento. Apenas a passagem do tempo não é suficiente para que essa fase transcorra de maneira adequada. A provisão do ambiente (família, escola e cultura) é imprescindível na sustentação das demandas do jovem.

Winnicott (ibid, p. 156, 158) destaca ainda que “a imaturidade é um elemento essencial da saúde durante a adolescência”. É por meio dela que muitas experiências e propostas criativas podem acontecer e contribuir para um modo de vida diferente. Logo, “a sociedade precisa ser chacoalhada pelas aspirações de seus membros não responsáveis”. Quando se reporta ao adolescente como não responsável, ele está se referindo à característica principal desse momento, a imaturidade – etapa que precisa ser vivida –, pois se não acontecer, o adolescente pode adquirir uma falsa maturidade, isto é, um falso processo adulto – um pseudoamadurecimento.

Winnicott (1960a, p.129) enfatiza a importância da maturidade de acordo com cada período da vida e assinala que “o adolescente sadio é um adolescente maduro, e não um adulto precoce.” As expectativas impostas por parte da sociedade, hoje, parecem colocar o adolescente para caminhar na contramão, onde ele precisa se comportar como um adulto, sem ainda sê-lo. Precisa estar apto a enfrentar a realidade demandante de racionalidade – no que diz respeito à compreensão dos aspectos

fundamentais do vir a ser da juventude. Não se oferece tempo! Não há tempo para sentir dor nem para ser feliz. Não há tempo para pensar sobre o futuro. Há apenas a ilusão momentânea da satisfação total. Vive-se tudo em tempo real. O homem não consegue dar conta do que produz a cada instante. É imerso neste contexto que o adolescente atual tem que alcançar a sua tarefa evolutiva fundamental: a busca por sua identidade. Precisa pensar no futuro, fazer planos e projetar-se para vida adulta.

Assim, como podemos pensar a dimensão de tempo que vive o adolescente?

Conjecturar acerca do tempo é se aproximar da maior contradição humana – vida e morte. Diversas são as formas de concebê-lo, tais como: tempo histórico (datas e fatos); tempo biológico (percurso que o indivíduo faz entre o passado e o futuro); tempo social (ritos e tradições); entre outras.

Na adolescência ele se apresenta como um fenômeno com muitas facetas em virtude da relevância do presente no processo de autoconstrução de si. Nessa perspectiva, o jovem pode sentir um enorme estranhamento diante deste tempo que agora se impõe e lhe foge ao controle. O tempo da infância passou e o da vida adulta está por vir. A inadaptação entre esses dois momentos pode levar ao luto que Dolto sinaliza:

Os que de início não consumaram a ruptura que lhes abre a porta da autonomia, os que chegam a este campo de instabilidade e de fraturas, que é a adolescência, com seus bloqueios, serão mais prejudicados que outros, mas todos terão necessidade de todo o seu querer-viver, de toda a energia de seu anseio de sobreviver para enfrentarem esta morte da infância. (DOLTO, 2004, p. 9)

Ao apontar a morte da infância, Dolto problematiza a passagem da adolescência para o mundo adulto como parte do amadurecimento. O luto pela perda da infância, dos pais infantis e do corpo infantil, associado às mudanças de papéis sociais e afetivos implicam rupturas necessárias para caminhar rumo à autonomia. No entanto, Winnicott (1964) enfatiza que viver a experiência de autonomia é algo muito violento para o jovem, pois ele busca inúmeras atividades que lhe permitam “ignorar o destino”. E, isso é uma reivindicação legítima de que ainda não está pronto – para enfrentar o mundo adulto – e precisam dos pais para enfrentar as etapas do amadurecimento. Mas, essa “imaturidade” é causa de ciúmes no adulto, que vive em sua própria existência as limitações do real.

Winnicott sinaliza que diante dessa postura do adolescente, “Todos perguntam: qual é a solução? Pessoas importantes oferecem soluções. Subsiste, entretanto, o fato de que não há solução, exceto que *cada adolescente, rapaz ou moça, com o passar do tempo* (a menos que esteja doente), *crescerá e se tornará um adulto*” (WINNICOTT, 1964, p.177, grifos do autor). As soluções verdadeiras são as encontradas pelo próprio adolescente, pois são suas próprias descobertas e criações.

O tempo do adolescente é o tempo do gozo, do aqui e agora. É o tempo real. O amanhã é muito longe, porque ele ainda não dimensiona objetivamente o futuro. O adolescente exercita com os colegas a busca por sua autonomia, de modo a se deslocar do lugar de submissão em que esteve até então junto aos seus pais. Esta autonomia buscada lhe conduzirá à definição de um projeto de vida. Planejar o futuro profissional, saber que papel desempenhará na sociedade, quais relações afetivas poderão ser criadas e qual o espaço que darão à espiritualidade, entre outras questões que permeiam essa etapa da vida. Todavia, essa é uma tarefa árdua para o jovem.

Assim, “(...) quanto mais complexa for a sociedade, maiores serão os pré-requisitos necessários para que o menino e a menina possam integrar a sociedade adulta. A consequência direta é o prolongamento do processo de transição” (LEVISK, 1998, p.29). Desse modo, as escolhas estão sendo deixadas para depois, e o adolescente vive o tempo do “agora não, mais tarde!”.

Por fim...

Refletir sobre o momento “transicional” do adolescente impõe uma infinidade de interrogações que apenas se descortinam. A contemporaneidade tem marcas que são comuns a todos os sujeitos. No entanto, a experiência do adolescente em seu processo de transição em um mundo de extrema velocidade tem sido marcada pela indefinição de projetos futuros, fugacidade, volatilidade, consumismo entre outras questões que têm dificultado todo seu processo de amadurecimento.

Pergunta-se: Como pensar a adolescência num mundo sem referencial que lhe assegure o sentimento de continuidade e o impulsiona à vida adulta? Como ser adolescente num mundo onde os adultos se veem também impossibilitados de reconhecerem suas vivências como fonte de experiência e sucumbem aos imperativos tirânicos de uma sociedade extremamente consumista? Como criar um pertencimento a algo que é vazio e fugaz?

Estas são questões que nos permitem pensar não só no adolescente, mas no sujeito contemporâneo. No entanto, nesse momento da vida adquirem um sentido amplo porque estes estão vivendo um momento de transição.

Assim, pensar nos melindres que se interpõem na passagem da vida infantil para a vida adulta e, particularmente, ao lugar a que é levado o adolescente mediante as vicissitudes que são peculiares a essa fase, nos leva a assinalar que a adolescência não é apenas uma “transição”, um deixar de ser criança para se tornar adulto. Representa um momento: de definir algo para o futuro.

A transição lhe permite amadurecer em busca de um projeto de vida que, afinal, começa a ser criado desde seu nascimento. Exercitar o presente para criar o futuro, bem como um tempo para se perder de si mesmo, de descontinuidade, de perceber o sentido da vida e que acima de tudo o adolescente tem em suas mãos um grande desafio em saber o que é seu e o que é do outro. Isto é, sem autonomia não é possível fazer escolhas, passar da infância para vida adulta – amadurecer.

No capítulo seguinte proponho a continuidade da discussão sobre a adolescência sob um novo ponto de vista: a relação do jovem com a *Internet*.

CAPÍTULO II

2 ADOLESCENTE E *INTERNET*: UMA EXPERIÊNCIA REAL E SINGULAR

*A característica especial desse lugar em que a brincadeira e a experiência cultural têm uma posição, está em que ele depende, para sua existência, de experiências do viver, não de tendências herdadas.*¹²

Winnicott

Este capítulo tem como objetivo principal refletir acerca da relação do adolescente com a *Internet*. De início, é importante considerar a discussão da adolescência, contemplada no momento anterior, onde os jovens, mais uma vez em virtude das demandas peculiares a essa faixa etária, são levados a transitar na área da ilusão – área onde nasce a atividade criativa “necessária” para a construção do sentido de continuidade da existência.

Cabe ressaltar que essa discussão só se sustenta se lançarmos mão do conceito de transicionalidade formulado por Winnicott. Esse conceito tem lugar estrutural na obra do psicanalista inglês. Representa no processo de amadurecimento humano o entre, o mundo subjetivamente criado e o mundo objetivamente percebido e compartilhado. Esse terceiro campo de experimentação da realidade abre espaço para o brincar – que não se posiciona nem na realidade psíquica interna, nem tampouco na realidade externa – e para a experiência cultural – o entre a cultura e a subjetividade, e o interno e externo. Além desses pontos fundamentais dos escritos winnicottianos, uma breve história da *Internet* será apresentada no intuito de contextualizar como essa rede de comunicação e informação mudou a configuração social da atualidade, a forma como o sujeito percebe

¹² WINNICOTT, D. W. (1975 [1971], p. 150) **O brincar e a realidade.**

o mundo, como se insere nele, e principalmente o seu modo de ser. E, como o adolescente se relaciona com esse fenômeno. Todavia, além dos textos de Winnicott e seus interlocutores, dos escritos freudianos, outros autores que tratam da temática *Internet* corroboram o desenrolar desta reflexão.

2.1 Internet: um pouco da história...

A *Internet* como conhecida nos dias de hoje possui características distintas daquelas à época em que se iniciou. A ideia de uma comunicação em rede surgiu no auge da Guerra Fria, em meados da década de 1960, quando os EUA concedem à ARPA – *Advanced Research Projects Agency* – a função de liderar as pesquisas de ciência e tecnologia aplicáveis às suas forças armadas, cujo principal objetivo era criar uma rede confiável para evitar a perda dos seus dados por conta de um possível ataque – de uma bomba – da atualmente extinta União Soviética, bem como ter a possibilidade de desenvolver projetos – ou módulos destes – à distância (MENDES, s/d).

Ainda de acordo com a autora, os avanços relacionados a essa rede continuaram. No ano de 1969 foi criada a ARPANet (ARPAnetwork – rede de trabalho) de onde foi enviada a primeira mensagem remotamente. Nos anos seguintes, na década de 1970, o marco se deu pela ampliação dos pontos conectados em todos os EUA. As universidades passaram a ter acesso a esse veículo de comunicação, surgindo o primeiro módulo experimental de *e-mail* (correio eletrônico) e, ainda, criaram-se as primeiras conexões internacionais – da Inglaterra para a Noruega.

Por volta dos anos de 1980, houve um rompimento com a parte militar (ARPANet) e foi introduzido o termo *Internet*. Assim, a *Internet* foi definida como “uma grande rede de redes”. No entanto, há outras possíveis visões sobre o termo. Fillipo e Sztajnberg (1996) apontam ainda que “outros nomes usados para denominar a Internet são ***The Net, Net, Grande Rede. Cyberspace*** ou **ciberespaço**” (p. 23, grifos dos autores). Dentro desses outros nomes utilizados, Pierre Lévy (1999, p. 92) define ciberespaço como “*o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.*”.

Fillipo e Sztajnberg (1996) afirmam ainda que:

O termo internet com “i” minúsculo, refere-se a uma situação em que se têm redes de computadores conectadas entre si, ou seja, uma rede de redes. É comum encontrarmos organizações de médio e grande porte que tenham sua internet particular, interligando as redes de computadores de seus vários departamentos e unidades. A Internet com “i” maiúsculo é uma internet que resolveu se chamar *Internet*, da mesma forma que poderíamos escolher *Restaurante* como o nome a ser dado a um restaurante.

Na década de 1990 foi criado um protocolo de comunicação que tornou possível a abertura da *Internet* para qualquer computador. Essa abertura fez com que um grupo de cientistas tornasse a *Internet* mais rápida e produtiva. Eis que surge o WWW – ***World Wide Web*** (leia-se, "Rede de alcance mundial") –, o que faz mudar completamente o cenário da *Internet* no mundo. Com isso a tarefa de navegar tornou-se mais fácil e acessível, passando nesse período a ser aberta para o público em geral, isto é, comercial. Houve, então, uma explosão mundial desse advento e a iniciativa privada começa a explorar, controlar e dominar esse tipo de serviços (FILLIPO; SZTAJNBERG, 1996; MENDES, s/d).

No Brasil, a *Internet* pode ser dividida em dois momentos o acadêmico e o comercial. No primeiro momento, apenas as instituições públicas faziam uso da rede entre computadores. No início dos anos de 1990 as universidades conseguiram junto ao ministério da Ciência e Tecnologia o acesso às redes de pesquisas internacionais. Esse tipo de conexão demorou a chegar ao país por conta do governo que defendia outro tipo de conexão bem complexa e muito cara. Só a partir de 1995 a *Internet* ganha o cenário comercial e tem início uma nova era tecnológica no país (BRANCO; MATSUZAKI, 2009; FILLIPO; SZTAJNBERG, 1996; NICOLACI-DA-COSTA, 1998; MENDES, s/d)

Hoje, *Internet* é considerada um fenômeno de massa, atingindo milhões de usuários em todo o mundo, gerando um fluxo quase incalculável de dinheiro e provocando um impacto cada vez maior nas mais variadas culturas. Assim, com/na *Internet* o que é novo, agora, em poucas horas pode se tornar apenas uma lembrança da/na rede.

2.2 A transição entre o real e o virtual: uma experiência de transicionalidade e ilusão

Desde a popularização do uso da *Internet*, em meados da década de 1990, esse espaço virtual passou a ser protagonista de muitas discussões. Suas multifunções geraram a possibilidade de os usuários se apropriarem de uma rede irrestrita de conhecimento. Conhecimento, aqui, toma um sentido bem ampliado – de pessoas, lugares etc. Tudo isso chama a atenção não só da população mundial de maneira geral, mas de um grupo específico – os adolescentes.

Os adolescentes estão envolvidos por inúmeros sentimentos peculiares a esse momento da vida. As mudanças são a marca dessa fase. Para Nicolaci-da-Costa (1998, p. 12), os jovens se adaptam à mudança com mais naturalidade do que as gerações anteriores que não querem abandonar a segurança dos referenciais já conhecidos. A forma como os jovens lidam “com as máquinas, com a Rede, com os relacionamentos que travaram a partir dela, seu modo de pensar e, principalmente, seu modo de sentir”, mostram o quanto as coisas mudam rapidamente.

No entanto, ainda segundo a autora, a *Internet* comercial nos seus primórdios tinha usuários com um perfil específico: homens, solteiros, intelectuais e com um bom rendimento mensal, que buscavam avidamente por informações sobre política, economia, viagens etc. Tratava-se de um excelente empreendimento financeiro, porém a rede não se limitou apenas a esse público. A cada instante, mais novos usuários, com os mais variados perfis, começaram a acessar a rede e antes mesmo das estatísticas serem concluídas – com relação a um perfil específico do público da própria *Internet* – já estavam completamente desatualizadas. Logo, o ciberespaço perpassou todas as fronteiras e possibilitou aos seus usuários jovens e não tão jovens “a curiosidade insaciável gerada por um novo que nunca deixa de ser novo, e o medo de ficar para trás e perder o bonde da história” (NICOLACI-DA-COSTA, 1998, p. 26).

Nesse sentido, o mundo instantaneamente novo da *Internet* proporciona aos internautas um estilo de vida em constante transição. Transição essa, indiscutivelmente acelerada entre o virtual e o real. Com tantas mudanças, vive-se no espaço virtual uma *experiência inicial de onipotência*. Não há fronteiras, tudo é possível. Nele o menino ou a menina pode ser o que quiser – criança, adolescente ou adulto.

De acordo com Winnicott, quando o bebê pode criar a mãe, há nesse momento “um estado intermediário entre a inabilidade de um bebê e sua crescente habilidade em reconhecer e aceitar a realidade.” Isto é, instala-se a experiência de ilusão, “aquilo que é permitido ao bebê e que, na vida adulta, é inerente à arte e à religião”, acrescentando-se, hoje, o fenômeno da *Internet*. (WINNICOTT, 1975 [1971], p. 15)

No entanto, ele alerta que essa ilusão “se torna marca distintiva da loucura quando um adulto exige demais da credulidade dos outros, forçando-os a compartilharem de uma ilusão que não é própria deles”. Logo, há de se tomar cuidado com o mau uso dessas tantas possibilidades – onde se pode ter tudo, fazer tudo, ver tudo e saber tudo. A desmedida desse contato com o virtual pode criar uma vida falsa. (WINNICOTT, 1975 [1971], p. 15)

À luz dessas observações, explorar as contribuições winnicottianas acerca dos conceitos de transicionalidade, ilusão e espaço potencial enriquece ainda mais essa reflexão. Revisitar as noções de objetos e fenômenos transicionais é uma oportunidade para conhecer o caminho traçado por Winnicott. As ideias a respeito desses conceitos, até então inexplorados pela psicanálise, foram apresentadas pela primeira vez em 1953, mas escritas em 1951. A novidade se refere a uma terceira parte, isto é, o que antes, do ponto de vista psicanalítico, dava lugar a subjetividade e objetividade – a duas partes apenas. Winnicott lança a possibilidade de um “entre”, de uma ponte, de uma combinação que relaciona duas partes, formando uma terceira.

Introduzi os termos ‘objetos transicionais’ e ‘fenômenos transicionais’ para designar a área intermediária de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre atividade criativa primária e

a projeção do que foi introjetado, entre o desconhecimento primário de dívida e o reconhecimento desta (Diga: “bigado”). (WINNICOTT, 1975 [1971], p. 14)

O *objeto transicional*, assim denominado por Winnicott (ibid.) de espaço de “ilusão”, é algo que não está nem dentro nem fora da criança, mas possibilitará a produção de muitas atividades criativas. Nas fases peculiares do desenvolvimento, o bebê, geralmente, se apega a um objeto (dedo, ponta de lençol ou cobertor, bola de lã, balbucios etc.) investindo imenso carinho, e, ao mesmo tempo muita agressividade. Por muito tempo ele se torna indispensável e insubstituível na hora de dormir ou na ausência momentânea da mãe. Cabe à mãe não substituir o objeto nem por um equivalente, mesmo que esse esteja sujo ou até mesmo mal cheiroso, pois a substituição poderá produzir uma ruptura na experiência de continuidade do bebê. Vale ressaltar que “não é o objeto, naturalmente, que é transicional. Ele representa a transição do bebê de um estado em que este está fundido com a mãe para um estado em que está em relação com ela como algo externo e separado.” ((WINNICOTT, 1975 [1971], p. 30).

As atividades de pensar e fantasiar podem estar vinculadas às experiências funcionais produzidas pelo objeto transicional, nas qual há uma relação de deslocamento do bebê para com a sua mãe, uma experiência de “não-eu”. Num primeiro momento, o bebê vive a experiência de fusão com mãe, na medida em que o seu desenvolvimento avança e ele passa para um estágio do eu (self) – separação da mãe e do mundo em seu entorno. Prossegue, transitando na área hipotética, que existe, mas pode não existir, denominada espaço potencial, rumo à autonomia, o estágio do não-eu.

A tudo isso, Winnicott (ibid.) chama de *fenômenos transicionais*. Desse modo, “os objetos transicionais e os fenômenos transicionais pertencem ao domínio da ilusão

que está na base do início da experiência.” (p.30). Desde a formulação desses dois conceitos, em 1951, até a integração em uma teoria do *playing* (por oposição a *game*, isto é, jogo sem regras), em 1971, o autor procura caracterizar o lugar onde se dá o processo de emergência simultânea do sujeito e do mundo entendido como ambiente cultural compartilhado. Afinal, de que lugar estamos falando?

Estamos falando de um lugar paradoxal, de uma área intermediária de *experimentação* que contribui tanto para vida interna como para vida externa. Para Winnicott, o *espaço potencial* é uma “área disponível de manobra, em termos de terceira maneira de viver (onde há experiência cultural ou brincar criativo), é extremamente variável entre indivíduos”. É uma área hipotética que existe (mas não pode existir) entre o bebê e mãe (ou parte desta). Uma amálgama entre o dentro e o fora. “Isso se deve ao fato de que essa terceira área é um produto das *experiências da pessoa individual* (bebê, criança, adolescente, adulto) no meio ambiente que predomina.” (WINNICOTT, 1975 [1971], p. 148, grifos do autor)

Ele reivindica, ainda, que esse paradoxo seja aceito, tolerado e respeitado, mas não necessariamente seja resolvido. A tentativa de resolução implica uma perda desse. “Uma vez aceito e tolerado, possui valor para todo indivíduo humano que não esteja apenas vivo e a viver neste mundo, mas que também seja capaz de ser infinitamente enriquecido pela exploração do vínculo cultural com o passado e com o futuro” (ibid. p. 10)

Desse modo, o espaço potencial é o lugar da criatividade propriamente dita, torna-se existente na medida em que há um objeto transicional, onde o brincar tem lugar entre o bebê e a mãe. É no brincar que se situa a experiência cultural e religiosa do adulto. Caso a criança seja impedida de brincar, ela poderá ter dificuldades nessa área

no futuro. Essa área intermediária não se limita apenas ao período da infância, mas prossegue por toda a vida e nela é fundamental o papel da ilusão.

Ao enfatizar a experiência de ilusão-desilusão como algo significativo para o amadurecimento satisfatório do ser humano, Winnicott ressalta a importância de uma maternagem suficientemente boa na fase primitiva crítica. Se a mãe consegue adaptar-se às necessidades do bebê, e possibilita a este a ilusão que existe um mundo externo apropriado a sua capacidade de criar, obterá êxito em sua tarefa de desiludir seu filho, proporcionando-lhe gradativamente uma experiência de continuidade. Desse modo, Winnicott pressupõe:

que a tarefa de aceitação da realidade nunca é completada, que nenhum ser humano está livre da tensão de relacionar a realidade interna e externa, e que o alívio dessa tensão é proporcionado por uma área intermediária de experiência (cf. Riviere, 1936) que não é contestada (artes, religião, etc). Essa área intermediária está em continuidade direta com a área do brincar da criança pequena que se “perde” no brincar. (WINNICOTT, 1975 [1971], p. 28, grifos do autor).

A marca registrada da obra winnicottiana “O Brincar e a Realidade” é precisamente a tese de que há no brincar os elementos constitutivos do ser humano. Refere-se “ao brincar como uma experiência, sempre uma experiência criativa, uma experiência na continuidade espaço-tempo, uma forma básica de viver”. As inovações e diferenças apresentadas por ele estão no denominado espaço potencial e na criatividade proporcionada pelo brincar. (WINNICOTT, 1975 [1971], p.75)

Ainda, segundo o psicanalista inglês (ibid., p. 76), o brincar facilita o acesso à atividade simbólica e a elaboração psíquica de vivências do cotidiano infantil, ou seja,

“a criança traz para dentro dessa área da brincadeira objetos ou fenômenos oriundos da realidade externa, usando-os a serviço de alguma amostra derivada da realidade interna ou pessoal”. Nessa perspectiva, a criança se apropria da experiência dolorosa através do brincar, esse espaço de ilusão situado entre o real e a fantasia. Ela passa a ser sujeito e não somente objeto da experiência.

Winnicott concretiza sua formulação do brincar assinalando que este não tem nem lugar nem tempo. Que não está nem dentro nem tampouco fora, isto é, não constitui o não-eu – “aquilo que o indivíduo decidiu identificar como verdadeiramente eterno, fora do controle mágico. Para controlar o que está fora, há que fazer coisas, não simplesmente pensar ou desejar, e fazer coisas toma tempo. Brincar é fazer.” (W Winnicott, 1975 [1971], p.,63). E este fazer constitui a experiência cultural.

2.3 Internet: uma releitura da experiência cultural

Ao considerarmos, neste texto, o espaço virtual – *Internet* – como uma terceira área existente entre o indivíduo e o meio que o circunda, e, ainda, ambiente culturalmente compartilhado, promotor de muitas atividades criativas, propõe-se, a partir dos questionamentos de winnicottianos acerca da localização da experiência cultural, fazer uma releitura¹³ do brincar como condutor natural à experiência cultural. Desse modo, pergunta-se: o que está fazendo e onde está o adolescente quando acessa o espaço virtual/*Internet*?

¹³ Leia-se, um acréscimo, mas sem perder de vista a essência da fonte original.

Como dito anteriormente, a transicionalidade é um fenômeno que se apresenta como um dos eixos norteadores dos construtos teóricos de Winnicott, e, além disso, ocupa lugar fundamental no entendimento das relações entre os sujeitos e em como essas relações são criadas. Para dar conta da questão da terceira parte – onde há experiência cultural ou brincar criativo, variando de pessoa para pessoa –, Winnicott aponta uma inadequação dos escritos freudianos no que diz respeito à cultura. Todavia, Lionel Trilling, em sua Conferência Comemorativa do Aniversário de Freud, também o fez. Embora tenha usado uma linguagem diferente da do psicanalista inglês. Trilling (1955, *apud* Winnicott, 1975 [1971], p. 147) diz:

‘Para Freud, há um tom honorífico no emprego da palavra [cultura]; ao mesmo tempo, porém, como não podemos deixar de perceber, há no que diz sobre a cultura uma nota infalível de exasperação e resistência. A relação de Freud com a cultura deve ser descrita como ambivalente.’

Ao discordar da assertiva freudiana e apontar que a literatura psicanalítica não abarcava tudo que ele desejava conhecer acerca da magia do viver imaginativo e criador, além de apresentar uma perspectiva limitada, onde ao indivíduo restava apenas a relação da realidade psíquica, pessoal e interna, com a realidade externa compartilhada, sua tese de objetos e fenômenos transicionais lança uma nova possibilidade de compreender o desenvolvimento humano, a partir dos primórdios da vida imaginativa e da experiência cultural em todos os sentidos. Com isso, institui a noção de que o indivíduo para viver criativamente precisa encontrar sentido para sua existência. O salto qualitativo dado por ele proporcionou o conhecimento de um novo homem. Um homem integral, total.

Winnicott (1975 [1971]) concebe a cultura como: “fundo comum da humanidade, para o qual indivíduos, e grupos podem contribuir, e do qual todos nós podemos fruir, *se tivermos um lugar para guardar o que encontramos.*” (p. 138) No entanto, para chegar a esse ponto da caminhada, precisou explorar áreas que ele apontava como negligenciadas. “A experiência cultural não encontrou verdadeiro lugar na teoria utilizada pelos analistas em seu trabalho e em seu pensar” (p.9). Ele (p. 139) apresenta cinco aspectos fundamentais para compreensão da localização da experiência cultural. Os pontos enunciados por eles serão apresentados na íntegra, dada a sua relevância. São eles:

1. O lugar em que a experiência cultural se localiza está no *espaço potencial* existente entre o indivíduo e o meio ambiente (originalmente, o objeto). O mesmo se pode dizer do brincar. A experiência criativa começa com o viver criativo, manifestado primeiramente na brincadeira.
2. Para todo indivíduo, o uso desse espaço é determinado pelas *experiências de vida* que se efetuam nos estádios primitivos de sua existência.
3. Desde o início, o bebê tem experiências maximamente intensas no *espaço potencial existente entre o objeto subjetivo e o objeto objetivamente percebido*, entre extensões do eu e o não-eu. Esse espaço potencial encontra-se na interação entre nada haver senão eu e a existência de objetos e fenômenos situados fora do controle onipotente.
4. Todo bebê tem aqui sua própria experiência favorável ou desfavorável. A dependência máxima. O espaço potencial acontece apenas *em relação a um sentimento de confiança* por parte do bebê, isto é, confiança relacionada à fidedignidade da figura materna ou dos elementos ambientais que está introjetando.

5. A fim de estudar a brincadeira e, depois, a vida cultural do indivíduo, há que estudar o destino do espaço potencial existente entre qualquer bebê e a figura materna humana (e, portanto, falível) que é essencialmente adaptável por causa do amor.

Diante do que Winnicott apresenta para que tenhamos uma compreensão da localização da experiência cultural, designada por ele, de área de experimentação dos fenômenos transicionais, podemos considerar, diante disso, que a proposição lançada no início deste tópico, pode ser respondida a partir da forma como a *Internet* é concebida aqui – espaço de comunicação aberta que proporciona, à existência do adolescente, experiências de viver.

Logo, meninos ou meninas estão ocupados nesse “novo” espaço potencial com – a construção da totalidade de sua existência experiencial – o brincar criativo, com tudo que possa ser somado a uma vida cultural, e estão transitando numa dimensão sem fronteiras de espaço e tempo. Espacialmente, o jovem ultrapassa os limites geográficos com um simples clique e o mesmo acontece com a dimensão temporal, ou melhor dizendo, dimensão atemporal, onde é possível fazer a passagem entre os tempos passado, presente e futuro, a qualquer tempo. No espaço virtual, pode-se experimentar e “fazer e estar” ao mesmo tempo.

2.4 A relação do adolescente com a Internet

Ao utilizar o recurso da *Internet* e viver em meio a um tempo sem tempo, o adolescente transita entre a infância e a vida adulta na medida em que experimenta

navegar em um mundo sem fronteiras, onde pode brincar, criar e despertar para a vida. Diante dessa configuração, a relação do adolescente com o espaço virtual toma o rumo de uma relação de intimidade, de estreitamento, de envolvimento, de pura afinidade.

Essa área intermediária de *experimentação* – espaço virtual – possibilita ao jovem acessar o mundo adulto com mais naturalidade e sem muitos melindres, compartilhando as suas emergências com seus iguais, por meio de redes sociais, bate-papo (*chat*), entre outros recursos, e, também, contribuindo tanto para vida interna como para vida externa desses.

Nessa perspectiva, é possível assinalar que o espaço virtual – *Internet* – aproxima-se do conceito de espaço potencial de Winnicott na medida em que pode ser considerado um lugar da criatividade, onde o jovem pode transitar numa área em que há espaço para: o brincar, o fantasiar, o lúdico e, também, para o real. Expandindo-se ainda para o viver criativo e em toda vida cultural do homem. A *Internet*, com o seu potencial de recriação da realidade, apresenta-se com um caráter criativo para o adolescente a cada fração de segundos que a acessa.

Assim, podemos entender a *Internet* como uma nova realidade no que diz respeito a sua representação paradoxal. Um espaço transicional entre o passado, presente e futuro – um espaço atemporal. Ou seja, uma experiência real e singular – única.

No próximo capítulo, continuarei discutindo a adolescência, fazendo uso das reflexões realizadas até agora para olhar o adolescente sob o prisma de um tempo futuro. Ou seja, como ele pensa no amanhã? Como elabora seus projetos?

CAPÍTULO III

3 “COMO SERÁ O AMANHÃ? RESPONDA QUEM SOUBER!” AS IMPLICAÇÕES DA *INTERNET* NOS PROJETOS DE VIDA DO ADOLESCENTE

*O medo agora é que meu novo modo não faça sentido? Mas por que não me deixo guiar pelo que for acontecendo? Terei que correr o risco do acaso. E substituirei o destino pela probabilidade.*¹⁴ **Clarice Lispector**

Partindo da reflexão do capítulo anterior, tem-se o espaço virtual como uma área de potencialidades para o jovem fazer descobertas e passear por diversos espaços e tempos. Essa geração tem como emblema da sua história o avanço tecnológico muito intenso em um piscar de olhos. Diferentemente das gerações anteriores, a *Internet* oportunizou ao sujeito contemporâneo as mais variadas possibilidades, através de novos recursos para o estabelecimento de relações sociais e afetivas, acesso às informações em tempo real e ampliação de sua capacidade de comunicação.

Não precisamos nem voltar tanto no tempo para ilustrar as diferenças existentes entre as gerações. Na década de 1980, os adolescentes tinham a televisão, os jornais escritos e as revistas como maiores fontes de informação e de acesso a outras culturas, bem como fonte de diversão. A comunicação era realizada por cartas (que muitas vezes nem chegavam ao destino pretendido) e telefone – propriedade de poucos. As relações sociais, muitas vezes, se restringiam aos amigos do bairro, da escola e aos familiares.

Hoje, ter contato com pessoas de diferentes localidades do planeta; ter acesso a inúmeros livros, jornais, revistas, filmes e músicas; ter acesso a universidades e escolas para conhecer suas dependências, seus cursos, suas atividades e seus profissionais; saber como está o mercado de trabalho, qual profissão está em alta, quais lugares têm mais oportunidade para essa ou aquela profissão; poder viajar para qualquer lugar – tudo isso acontece apenas com o toque dos dedos. Parece mágica, não? Ultrapassar as fronteiras das realidades geográficas, sociais, culturais, profissionais e afetivas tornou-se algo simples e corriqueiro.

Em contraste a isso, o adolescente precisa lidar com questões e exigências do mundo real: sair do *status* criança para se tornar adulto e projetar a vida a curto, médio e longo prazos. Desse modo, são imbuídos na tarefa de pensar como será o amanhã. Diante disso, indaga-se: Como os adolescentes constroem suas perspectivas de futuro? Quais as implicações da *Internet* nos projetos de vida dos adolescentes?

Tomaremos como base para essa reflexão a afirmativa de Winnicott (1975 [1971], p. 198): “podemos pensar nos esforços dos adolescentes para descobrir e determinar seu destino, como a coisa mais emocionante que podemos perceber na vida que nos rodeia”. De início, o propósito é apresentar a noção de projeto, para se chegar à proposição mais específica – projetos de vida; entrelaçar a questão do que é o futuro para o adolescente com a noção do brincar. E, por fim, discutir as perspectivas de futuro para os jovens a partir do mito da liberdade aos dezoito anos. Embora não haja participante desta pesquisa com idade de dezoito anos, resolvemos tratar do mito da independência, nessa faixa etária, porque as entrevistadas manifestavam que não viam a hora de atingir a maioridade civil. Por sua vez, adentramos a parte que envolve análise dos dados e discussões dos resultados. A autopercepção das adolescentes é o eixo

norteador para discussão dos resultados, onde elas ficam com “a palavra” para discorrer acerca da sua vida, da sua relação com a internet e dos seus projetos de vida.

3.1 Passeando pela teoria: em busca de um conceito de projeto

Vivo sempre no presente. O futuro, não o conheço. O passado, já não o tenho. Pesa-me um como a possibilidade de tudo, o outro como a realidade de nada.

Fernando Pessoa¹⁵

O que é um projeto? Há algumas direções que levam ao tema – a começar pelo significado da palavra, as suas diferentes acepções na filosofia e antropologia antes de se chegar ao destino pretendido.

No intuito de responder à questão, busca-se – numa primeira aproximação – a origem da palavra. Deriva do latim *projectus*, particípio passado de *projicere*, ‘lançar para adiante’. A ideia de projeto envolve a antecipação de algo desejável, que ainda não foi realizado, de pensar uma realidade que ainda não aconteceu. O processo de projetar implica analisar o presente como fonte de possibilidades futuras (FREIRE E PRADO, 1999). A ideia de projeto é própria da atividade humana, da sua forma de pensar em algo que deseja tornar real, portanto o projeto é inseparável do sentido da ação (ALMEIDA, 2002).

No campo filosófico, o alemão Martin Heidegger, em seu maior e mais influente trabalho “Ser e Tempo”, no qual elabora de forma concreta a questão do sentido do ser, discorre acerca de projeto. O pensamento heideggeriano enaltece a liberdade e o homem, como ser de liberdade, consciente de suas possibilidades, é essencialmente

¹⁵ Fernando Pessoa, **Livro do Desassossego**, fragmento 100, p. 129 – 2006.

projeto. É por constituir-se exatamente como um ser de liberdade e encontrar-se em um universo de facticidade, que o homem é capaz de assumir, por si, a condição de projeto destinado à realização, isto é, ele tem capacidade de, estando consciente de sua situação de abandonado a sua própria responsabilidade, guiar-se em meio ao mundo, o lugar onde ele é chamado a ser projeto, construção de si mesmo (HEIDEGGER, 1993; GILES, 1975).

Ainda de acordo com Heidegger (1993), no projeto existencial o sujeito e o seu objeto são, concomitantemente, o próprio homem. Imerso em um mundo no qual é parte integrante, sendo e se fazendo nele, o projeto inclui de forma singular não o outro, mas o próprio sujeito do projeto, o condutor livre que se encontra frente à constelação de possibilidades. Assim, sendo o projeto um existir que dá significado ao indivíduo, cabe a ele sua realização. É na escolha entre as possibilidades que o projeto vai se concretizando ou se perdendo.

Dando continuidade ao passeio, envereda-se agora pelo caminho da antropologia. Gilberto Velho, em seu livro “Individualismo e Cultura”, parte do pressuposto de que “a noção de que os indivíduos escolhem ou podem escolher é a base, o ponto de partida para se pensar em projeto. Isto é, mesmo nas culturas ‘totalizadas’ ou organizadas em termos de hierarquia, existe a possibilidade de individualização.” (VELHO, 1987, p.24, grifos do autor).

Velho (ibid, p. 107) sinaliza ainda que o projeto reflete uma escolha individual, um elemento decisivo de transformação social. À medida que o indivíduo faz as suas próprias escolhas, ressalta o aspecto individualizante da procura de liberdade. Sem deixar de considerar o aspecto inconsciente, o autor dá ênfase à dimensão consciente que um projeto tem na vida social. Entende projeto como “conduta organizada para

atingir fins específicos”, definição dada por Schutz (1971, *apud* Velho, 1987, p.107). Isto é, apropriando-se do seu projeto, o indivíduo pode conscientemente mudá-lo e reinventá-lo.

Assim, uma única palavra conduz a caminhos distintos, porém contíguos. Tanto na origem da palavra projeto como no campo filosófico e antropológico, o que está explícito é a ideia de autonomia. “Livre”, o sujeito tem a possibilidade de construir projetos próprios, onde são impressas as suas experiências, necessidades e estratégias particulares.

3.2 Brincar: um ensaio para o futuro

O homem só é integralmente homem quando brinca,... e só brinca quando é verdadeiramente homem. Schiller¹⁶

O propósito aqui é esboçar uma leitura acerca do brincar sob a perspectiva de ensaio, ensaio para o futuro. Nessa reflexão, recorreremos a Freud, Winnicott e Schiller – que aparece nesse texto com um período em forma de epígrafe.

Ao começar por Schiller – poeta, filósofo e historiador alemão do século XVIII – partiremos do fato de que o convite para tratar filosoficamente certas questões fundamentais da psicanálise vem do próprio Freud. Winnicott recorre muitas vezes a fontes distintas da psicanálise – poetas, místicos, teólogos e filósofos. Com isso,

16 SCHILLER. F. **A educação estética do homem**. São Paulo Iluminaras, 1990.

podemos mostrar que o pensamento de Schiller, no concernente ao brincar, pode ser proveitosamente aproximado do pensamento de Freud e de Winnicott.

Logo, o que podemos pensar sobre a assertiva de Schiller (1990) ao dizer que o homem só é integralmente homem quando brinca,... e só brinca quando é verdadeiramente homem. Em um primeiro momento, pode-se dizer que o brincar é um elemento fundamental na constituição humana. O homem para ser inteiro, total, necessita brincar e se entregar, mas para que possa brincar – “ser verdadeiramente homem” – é preciso dispor de subsídios imaginários para entrar em contato com a realidade.

Uma análise nesse sentido encontra-se no texto de Freud, “Escritores criativos e devaneios”, onde menciona que o que a criança mais gosta de fazer com intensidade é brincar ou jogar. Diz que essa atividade é uma forma privilegiada da constituição do ser como sujeito, ou seja, ao brincar a criança funda o seu próprio mundo, “ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrade? Seria errado supor que a criança não leva esse mundo a sério; ao contrário, leva muito a sério a sua brincadeira e despense nela muita emoção” (FREUD, 1908 [1907], p. 149).

Freud destaca que brincar é diferente de fantasiar. Aponta o brincar infantil como primeiro passo para a atividade imaginativa. Faz, desse modo, uma relação entre o escritor criativo e a criança que brinca, atrelando a imaginação, de ambos, às coisas visíveis e tangíveis do mundo real. O brincar, assim como a arte, funciona como a possibilidade de criar um novo tipo de realidade efetiva, tanto na realidade psíquica (regida pelo princípio do prazer), como na realidade externa (regida pelo princípio da realidade). Assim,

O brincar da criança é determinado por desejos: de fato, por um único desejo - que auxilia o seu desenvolvimento -, o desejo de ser grande e adulto. A criança está sempre brincando 'de adulto', imitando em seus jogos aquilo que conhece da vida dos mais velhos. Ela não tem motivos para ocultar esse desejo.

Quando o menino ou a menina chega ao período púbere, muitas são as evocações para encarar a realidade da vida com seriedade, crescer e parar de brincar, isto é, renunciar ao prazer que obtinha ao brincar. No entanto, sabe-se que é muito custoso para o homem abdicar de um prazer já experimentado, apenas troca-se por outro. "O que parece ser renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou sub-rogado." (FREUD, 1908 [1907], p. 151).

Ainda de acordo com o autor, supracitado, todas as brincadeiras da criança "são influenciadas por um desejo que as domina o tempo todo: o desejo de crescer e poder fazer o que as pessoas crescidas fazem". Isto é, a criança está sempre brincando de adulto. Porém, "com o adulto o caso é diferente. Por um lado, sabe que dele se espera que não continue a brincar ou a fantasiar, mas que atue no mundo real". (FREUD, 1920, p. 28)

Na perspectiva winnicottiana, encontramos uma pesquisa fecunda sobre o brincar e a realidade. O brincar, concebido por ele, não se limita apenas à infância, mas se estende até à vida adulta também. Esse conceito só pode ser entendido se lançarmos mão da noção de transicionalidade, isto é, o campo intermediário entre o mundo psíquico e o mundo socialmente construído. De acordo com o autor, "é no brincar e talvez, apenas no brincar, que a criança ou adulto fruem sua liberdade de criação". Segundo ele, o brincar e a criatividade são inerentes à vida humana, todavia é necessário

que haja um ambiente para que essa capacidade possa se realizar. (WINNICOTT, 1975 [1971], p. 79)

Fazer uma leitura do brincar humano a partir de Freud e Winnicott, bem como de Schiller, significa, portanto, assinalar a sua importância no processo de desenvolvimento do ser humano. Brincando, a criança sem dúvida tem a oportunidade de formar uma linguagem própria para criar suas descobertas pessoais, ensaia sua futura vida adulta, simula vários papéis (pai, mãe, médico, advogado, professor, entre outros), projeta-se para o futuro antes de fazer suas escolhas reais, além de buscar o prazer como uma forma de lidar com a angústia. Todavia, ao se tornar adulto e parar de brincar – porque já passou o tempo, onde tudo é pra valer – freia-se a liberdade de criação.

3.3. Como os adolescentes constroem no presente suas perspectivas de futuro?

*O ser humano, ser inacabado por excelência, não
pode se bastar por si só, ele procura outro.*

Alberto Eiguer

Muitos são os questionamentos dos jovens quando estão no período da adolescência. O que devo ser? Devo ser como os meus pais? Devo ser como os meus pais desejam?

Em seu texto intitulado “Sobre o narcisismo: uma introdução”, Freud (1914) refere-se à atitude dos pais em relação a seus filhos. Os pais pedem para seus filhos a ab-rogação de todas as leis da natureza e da sociedade (que limitam seu próprio narcisismo). Doença, morte, renúncia ao prazer, restrições não deveriam atingir seus bebês.

No entanto, o que se percebe, hoje, é que as “leis da natureza e da sociedade” são muito diferentes em relação à época de Freud. Vive-se na “idade do vazio” como sinaliza Lipovetsky (2005). Narcisismo, intimismo, hedonismo tornaram-se as palavras-chave dessa época. Para Birman (2000), a fragmentação da subjetividade ocupa lugar privilegiado na cultura ocidental. Tornou-se matéria-prima para diferentes formas de subjetivação, tendo como expressão predominante o narcisismo.

Nesse sentido,

O que justamente caracteriza a subjetividade na cultura do narcisismo é a impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que não consegue se descentrar de si mesma. [...] o sujeito do espetáculo encara o outro apenas como objeto para seu usufruto. [...] O outro lhe serve apenas como instrumento para o incremento da autoimagem, podendo ser eliminado como dejetos quando não mais servir para essa função abjeta (BIRMAN, 2000, p. 25).

A partir do explicitado, interroga-se: Como se constituem os ideais de ego, diante da falta de referências? Como os adolescentes constroem no presente suas perspectivas de futuro?

Para compreendermos os ideais do ego implícito em concepção de projeto de vida do adolescente, precisamos revisitar Freud (1914, p. 57), em seu texto “Sobre o narcisismo: uma introdução”, onde ele assinala que o ideal do ego está relacionado diretamente com a autoestima. Dessa maneira, expressa as “ideias culturais e éticas do indivíduo” elaboradas inicialmente na identificação com os pais ou figuras substitutas e, posteriormente, pelos ideais propostos pela cultura. O adolescente constitui-se o herdeiro do narcisismo infantil na medida em que representa um modelo ideal a ser atingido pelo ego adulto em suas realizações efetivas.

O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, acha-se possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal. (FREUD, 1914, p. 57-58)

Assim, “o ideal do ego desvenda um importante panorama para a compreensão da psicologia de grupo. Além do seu aspecto individual, esse ideal tem seu aspecto social; constitui também o ideal comum de uma família, uma classe ou uma nação” (ibid, p.62-63). Em seu outro texto denominado de “Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos – identificação”, Freud vai apontar que “não nos esquecemos de acrescentar que o valor da distância entre esse ideal do ego e o ego real é muito variável de um indivíduo para outro e que, em muitas pessoas, essa diferenciação dentro do ego não vai além da que sucede em crianças”. Logo,

Cada indivíduo é uma parte componente de numerosos grupos, acha-se ligado por vínculos de identificação em muitos sentidos e construiu seu ideal do ego segundo os modelos mais variados. Cada indivíduo, portanto, partilha de numerosas mentes grupais - as de sua raça, classe, credo, nacionalidade etc. - podendo também elevar-se sobre elas, na medida em que possui um fragmento de independência e originalidade (FREUD, 1921, p. 163).

Desse modo, é possível assinalar que “não há dúvida de que esse ideal do ego é o precipitado da antiga imagem dos pais, a expressão de admiração pela perfeição que a criança então lhes atribuía” (FREUD, 1932, p 45).

Nessa perspectiva, Eiguier (1989) vai apontar que:

O ideal do ego familiar seria, em nossa opinião, uma representação da perfectibilidade do grupo em relação a seu próprio destino: quer dizer, um projeto de progresso social, cultural, educacional, ou ‘habitacional’ para a família. É também um projeto familiar relativo ao alcance das realizações dos filhos na idade adulta, projetos referentes ao tipo de casamento ou de realizações profissionais. O grupo pode estabelecer ‘missões a cumprir’, ideais a atingir. Frequentemente, é o líder (paterno, na família tradicional) o portador deste ideal do ego familiar, seu agente, sua garantia e seu representante perante outros (p. 42).

3.3.1 18 anos, para quê?

Completar dezoito anos é um momento muito esperado por boa parte dos adolescentes. Essa ocasião simboliza a passagem para a vida adulta e para muitos o momento de independência e liberdade. Pergunta-se: por que fazer dezoito anos simboliza para a maioria dos jovens o marco zero para independência?

Para adentrarmos este universo, podemos tomá-lo de vários ângulos. No entanto, duas proposições estimulam a imaginação, inquieta e nos leva a refletir sobre as características que marcam este evento.

A primeira proposição pode ser pensada a partir da maioridade civil, onde no Art. 5 do Código Civil, “a menoridade cessa aos dezoito anos completos, quando a pessoa fica habilitada à prática de todos os atos da vida civil”; a segunda fundamenta-se no prisma de que a independência aos dezoito anos é um mito.

Para começo de caminho, podemos pensar sobre a maioridade civil aos dezoito anos. Segundo Araújo (2003), o Código Civil de Beviláqua, de 1916, vigorou por quase um século no Brasil. Estabelecia como regra geral, em seu Art. 9, que a capacidade civil plena era obtida ao se completar 21 anos, momento em que o indivíduo ficava habilitado para todos os atos na vida civil. O novo Código Civil Brasileiro, que entrou em vigor a partir de janeiro de dois mil e três, reduziu de 21 anos completos para 18 anos completos a maioridade civil.

A fixação da maioridade aos 21 anos foi tomada como parâmetro “por se entender que após duas décadas de vida, quando o indivíduo teria absorvido alguma mínima experiência e instrução, teria ele plenas condições de gerir sua vida no tocante ao exercício de direitos e obrigações”. O intuito, nesse caso, era evitar que o jovem, com pouca experiência de vida, fosse prejudicado por sua “inocência negocial” (ARAÚJO, 2003).

Ainda conforme o autor supracitado, muitas são as discussões que giram em torno da alteração da maioridade civil, haja vista que a redução se deu em virtude da juventude de hoje ter mais acesso às informações do dia a dia. No entanto, há opiniões que não veem como acertada a redução, porque observam que o jovem, apesar de mais informado atualmente, age ainda de forma irresponsável e desprovida de valores, o que não torna tranquilo dar àqueles que completam 18 anos a plenitude das guias de sua vida.

Completar 18 anos é um momento muito esperado pelos jovens. Essa data parece representar a ocasião de libertação, **ao completar 18 anos o jovem tem responsabilidade plena em guiar sua vida**, e muitos relatam que ao completarem essa idade farão o que quiserem. Assim, o mito da “independência” é concebido em sua forma mais viva.

Antes de entrarmos na questão da independência propriamente dita, faremos um percurso acerca do que é o mito.

Para compreendermos um grupo, necessitamos, essencialmente, entender sua cultura, o que demanda apreendermos os mitos, os ritos e os símbolos que a constituem. Assim, não faz sentido questionar, a propósito de um mito, sobre seu valor de verdade. Segundo Eliade (2002, p. 8), “o mito é vivo no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência”.

May (1992) pontua que cada um de nós tem seu próprio mito, em torno do qual moldamos nossa vida. Este mito integra-nos e nos dá a capacidade para viver o passado e o futuro, sem negligenciar nenhum momento do presente. O mito faz uma ponte sobre a lacuna entre o consciente e o inconsciente.

Assim, pode-se dizer que:

O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares. (...) Portanto, é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é, ao contrário, uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente (ELIADE, 2002, p. 11, 23).

A partir do explicitado acerca do mito, partiremos para desbravar o que é o mito da independência, a qual é entendida aqui como o estado de quem tem liberdade ou autonomia. Dito de outro modo, é a desassociação de um ser em relação a outro, da qual dependia (FERREIRA, 2008).

Nessa perspectiva, é possível assinalar que o jovem, ao completar 18 anos, passa por um ritual de renovação. Sabe-se que o momento para se tornar independente pode acontecer antes ou depois dos dezoito, mas é necessário existir uma ocasião em que se delimite a data quando é possível se tornar independente, ou seja, a partir do dia em que se completa 18 anos, abre-se um novo ciclo na vida do mais novo cidadão – este é o responsável pleno por guiar sua vida, de acordo com o Art. 5 do C.C. .

Um paralelo pode ser estabelecido entre a noite de ano novo e o sentimento, vivenciado por boa parte dos jovens, de independência aos se completar dezoito anos. Todo dia há o despertar, há o morrer de um dia e o nascimento do outro dia, mas é só em um dia do ano, de acordo com o calendário de cada cultura, que se celebra o novo dia (ano) e o momento da renovação, bem como a abertura do novo ciclo.

Assim, o mito é um ingrediente vital da civilização humana e longe de ser uma fábula, é uma realidade viva. O período da adolescência deixa o jovem diante de uma passagem muito estreita entre o mito da independência e a desilusão, a saída é um estado limite. Para falar da desilusão que toma o jovem nesse momento de passagem, uso o trecho da obra “A paixão segundo G. H.” de Clarice Lispector, onde ela menciona que:

Ontem, no entanto, perdi durante horas e horas a minha montagem humana. Se tiver coragem, eu me deixarei continuar perdida. Mas tenho medo do que é novo e tenho medo de viver o que não entendo quero sempre ter a garantia de pelo

menos estar pensando que entendo, não sei me entregar à desorientação. Como é que se explica que o meu maior medo seja exatamente o de ir vivendo o que for sendo? Como é que se explica que eu não tolere ver, só porque a vida não é o que eu pensava e sim outra – como se antes eu tivesse sabido o que era! Por que é que ver é uma tal desorganização? E uma desilusão.³ [...] Talvez desilusão seja o medo de não pertencer mais a um sistema (LISPECTOR, 1964 [2009], p. 11).

A autora trata da dimensão grandiosa que assola o ser humano quando está diante do novo, do imprevisível. Lispector aponta o quanto é difícil lidar com as questões que fazem parte da existência. Parece que a escolha fica entre o sacrifício e o abismo. Essa “manifestação” vai depender do limite encontrado, isto é, do seu encontro com o outro. No entanto, o preço a ser pago por esse ideal se dá no real e é esta dimensão que viabiliza tantas passagens ao ato e tanta inclinação ao *acting out* na adolescência.

3.4 Afinal, o que entendemos por projeto de vida?

Futuro : sei que me espera qualquer coisa

Mas não sei que coisa me espera.

Álvaro de Campos¹⁷

Projeto de Vida é um termo cujo uso cresce continuamente nos dias de hoje. Existem também alguns outros equivalentes: planos para o futuro ou perspectivas de

¹⁷ Futuro. In: **Poesias de Álvaro de Campos**, Fernando Pessoa, 1993.

futuro. A trilha que ora é tomada tem o intento de apontar uma posição acerca do que é um projeto de vida

Cabe-nos refletir acerca do que denominamos de projetos de vida. Aqui tem um sentido mais abrangente, não diz respeito apenas a uma dimensão profissional, mas à inclusão do sujeito no universo de relações sociais e afetivas com vistas à implementação de perspectivas para uma vida adulta, ou seja, “o projeto de vida envolve a definição do lugar do jovem no mundo e na sociedade” (SERRÃO e BALEEIRO, 1999).

A criatividade não diz respeito apenas à capacidade de estar vivo, mas está diretamente ligada ao modo como o sujeito se relaciona com o mundo a sua volta de maneira criativa. Ser criativo diz respeito ao universo ampliado das singularidades de cada ser humano: poder planejar o futuro, amar e ser amado, criar os filhos, ter atividades profissionais, ter a casa própria, fazer viagens, escrever um livro, compor uma música, elaborar receitas originais. Ter um projeto de vida é um se permitir ousar, experimentar o mundo, espantar-se diante da realidade e tentar transformá-la.

Enfim, Projeto de Vida é legar uma marca pessoal, é ter um projeto próprio – um projeto de vida para a vida.

A partir de agora iremos analisar os dados coletados priorizando a autopercepção das participantes. Para facilitar a compressão da análise, foi criado um quadro com o perfil sociogeográfico das adolescentes. As informações constantes são: idade, bairro, religião, escola, série, quantas horas passa conectada a *Internet* e o que faz no espaço virtual.

Quadro Perfil do Participante

Nome	Idade	Bairro	Religião	Escola	Série	Quantas horas acessa a internet	O que faz na internet
Download O mesmo que baixar ou transferir dados de uma página para seu computador.	16	Nova Descoberta	Sem Religião	Alvaro Lins	3°	3 ou 4 horas	Orkut; Jogos no Orkut; MSN
Gif Formato ou extensão de imagens muito utilizada em desenhos.	16	Campo Grande	Católica	Clóvis Bevilaqua	1°	3 oras	Orkut; MSN
Ícone Uma figura utilizada para acessar uma página ou um conteúdo específico de um site.	16	Campo Grande	Católica	Clóvis Bevilaqua	1°	2 horas	Orkut;MSN; Facebook; Fotolog
Lan Rede de computadores interligados por cabos.	16	Campo Grande	Católica	Clóvis Bevilaqua	1°	7 horas	Orkut; MSN; Facebook;Twitter; Fotolog
Link Ligação entre páginas de <i>Internet</i> ou imagens e textos.	16	Rosarinho	Candomblé	Regueira Costa	1°	No mínimo 4 horas	Bate papo; Noticiário; Jogos; MSN; Filmes; You Tube; Música
Netiqueta Regras de comportamento na <i>Internet</i> .	16	Iputinga	Sem Religião	Liceu	3°	3 ou 4 h	Pesquisa; Orkut; MSN
Pixel Ponto que forma as imagens na <i>Internet</i> .	16	Jardim Atlântico	Católica	Liceu	3°	5 horas	Pesquisa Orkut; MSN; Facebook; Twitter
Site É o endereço das páginas de <i>internet</i> .	16	Campo Grande	Candomblé	EPOM	1°	3 ou 4 h	Orkut; MSN;
Wap Sistema que permite a comunicação e transferência de dados em sistemas sem fio como celulares e palmtops.	16	Campo Grande	Evangélica	Clóvis Bevilaqua	1°	2 horas	Orkut; MSN; Música
Web Abreviação de <i>www</i> .	17	Arruda	Sem Religião	Regueira Costa	1°	1 hora	Orkut; MSN; You Tube

3.5 A palavra com as meninas: discutindo as implicações da internet nos projetos de vida

Para a realização da análise, optou-se por selecionar aquilo que foi mais frequente no discurso das adolescentes, com o intuito de identificar repetições e contradições nas suas falas. Esses conteúdos foram agrupados e formaram quatro unidades temáticas, a seguir: falando da adolescência; o que diz a adolescente sobre a sua relação com *Internet*; as adolescentes falando sobre seus projetos de vida; as implicações da *Internet* em seus projetos de vida.

O principal propósito desta análise e discussão foi capturar do discurso das meninas seus sentimentos, desejos, preferências, motivações, dificuldades e conflitos, e, apresentar como elas descrevem por meio de palavras sua própria adolescência, sua relação com o ambiente virtual e como pensam no futuro. Dar voz às adolescentes é possibilitar que reflitam sobre a vida.

Então, começaremos deixando a palavra com as meninas.

3.5.1 Falando da adolescência

É difícil... Não falando sério! É difícil porque a vida é complicada (...) Você é adolescente, você tem que ser adolescente. Não ser totalmente adulta. Assim, eu sou meio adulto, meio adolescente. Mas assim, você tem que curtir a adolescência com responsabilidade (...)Acho que você tem que se... tem que brincar, tem que rir, tem que se divertir, tem que ser adolescente, mas não necessariamente virar uma criança.

Ser adolescente, não criança. Eu acho que as pessoas têm essa ideia, ... essa pré-ideia de que adolescente é criança, e não é. O que é ser adolescente? É uma transição entre o ser criança e adulto, então, tu já não é mais criança, mas tu ainda não é adulto. Então é a transição, tu tá ali. Então tu tem que ter conceitos de adolescente, mas sem deixar de ter espírito de criança, acho que é isso. (Netiqueta, 16 anos)

Como ser adolescente? Cansativo. Somente (risos)... Pra mim não faz muita diferença não, do que ser criança, sendo que eu tenho mais liberdade pra fazer certas coisas. Somente. (Pixel, 16 anos)

Ser adolescente? Ai...(risos) É um pouco complicado, porque às vezes minha mãe não entende. Fica falando: você quer ir pra tudo que é canto, que não sei o quê, porque eu vejo as minhas colegas, as minhas amigas ir, eu tenho interesse de ir também. Aí, eu fico nervosa, mas é... o período da adolescência é bom.(Site, 16 anos)

Meus 18 anos? Eu imagino, eu imagino trabalhando, ... Tendo mais responsabilidade. (longa pausa) É, trabalhando, tendo mais responsabilidade, mais liberdade para fazer alguma coisa. (...) É, se eu tiver assim, morando com minha mãe vai ser meio difícil ainda. Mas se tiver morando só, acho que sim. (Wap, 16 anos)

Deixa eu ver.. É a pessoa um tipo: não ter muita responsabilidade, ao mesmo tempo ter responsabilidades e não ter. ... É legal ser adolescente.

É boa, porque a gente não precisa se preocupar muito, né, porque quando a gente crescer, a gente já vai, adulto, a gente vai ter as responsabilidades, vai ter a casa pra gente, aí vai ter que pagar as contas e assim vai as coisas da gente, as responsabilidades vão crescendo. (Lan, 16 anos)

Ao se discutir o fenômeno da adolescência, está posto na literatura estudada que essa etapa da vida é considerada para a maioria dos jovens como um momento de crise, de conflitos e de transformações biopsicosociais. (ARATANGY, 2011; CALLIGARIS, 2000; LEVISKY, 1998).

Winnicott (1975 [1971]), em seus escritos, assinala que ao transitar da infância para idade adulta o púbere emerge de modo irregular e desajeitado, caminhando cambaleante rumo ao novo estado. Todavia, não há o que fazer. A solução é esperar que esse período se inicie para que se possam viver situações novas, e, ao mesmo tempo, viver o luto de tudo aquilo que se perde quando se caminha para o amadurecimento. Alerta que o amadurecimento não depende simplesmente de características herdadas, depende de um ambiente facilitador e suficientemente bom que consiga dar sustentação a esse menino ou menina e possa suportar, na medida do possível, as características peculiares dessa fase, vivendo esse período sem maiores crises. Os aspectos destacados aqui da teoria aparecem no discurso das participantes.

Na fala de **Netiqueta** fica claro que fazer a passagem da infância para a vida adulta implica experimentar sentimentos conflitantes, pois ora há a cobrança para se comportar como criança, ora para se comportar como um adulto. Parece revelar nessa fala que existem exigências externas que levam a assumir uma postura para a qual ainda não está pronta. Esse puro estado de ambivalência está posto em palavras pela

entrevistada, significando uma imensa dificuldade de assumir uma postura subjetiva, que lhe permita reinventar a própria identidade.

Essa ambivalência tumultua o trânsito entre infância e vida adulta. Dificulta a passagem de um lugar para outro. Segundo Netiqueta, ser adolescente representa viver pela metade, em que não há um sentimento de ser inteiro, ter que habitar dois lugares se torna muito confuso. Assumir essa postura é admitir o quanto é difícil constituir-se como sujeito que caminha rumo ao amadurecimento.

Nos discursos de **Site** e **Wap** está explícito o desejo de liberdade, de autonomia, de independência. Sabe-se que o desejo de sentir-se livre é um sentimento que faz parte do ser humano. Na adolescência eclode esse sentimento com muita força. Na fala das entrevistadas, o desejo de completar, logo, 18 anos aparece com frequência. Completar a maioridade configura-se um mito de liberdade. Segundo Eliade (2002), o mito pode ser considerado uma história verdadeira, porque sempre reflete a realidade. Ter mais liberdade, sair com os amigos, morar sozinha e poder viver ao seu modo parece estar diretamente ligado à questão da maioridade.

A passagem para a vida adulta leva o adolescente a enfrentar a si mesmo e exige dele uma decisão responsável quanto a seu próprio futuro. Fazer escolhas e assumir responsabilidades são tarefas inerentes ao processo de amadurecimento. **Lan** fala dessa ordem natural, que vai tomando conta da adolescência à medida que o tempo passa. Crescer implica assumir responsabilidades. Todavia, há adolescentes que não percebem mudanças, só consideram o momento como exaustivo e a diferença da infância é que agora algumas coisas são permitidas.

Fica claro que as adolescentes estão defrontando-se com questões que são próprias dessa fase. Em seus depoimentos revelam ter consciência das mudanças e das

responsabilidades que terão que assumir a partir de agora. No entanto, são justamente as transformações experimentadas nesse momento da vida que merecem atenção da família. Conforme Winnicott, é papel da família suportar as peculiaridades dessa etapa. Na fala das meninas, aparece como queixa a falta de diálogo com os pais/responsável, pois estes não entendem o que os filhos estão vivendo um momento novo e querem ter novas experiências, querem ficar mais próximos dos seus iguais, isto é, do seu grupo de pertencimento. Essa dificuldade dos pais em compreender as demandas dos filhos nessa etapa da vida parece revelar uma dificuldade com sua própria adolescência.

3.5.2 Sobre a sua relação com a Internet

Pelo menos quatro... 24 horas por dia, é de 1 hora da tarde a 11 e meia, meia noite...

Eu acho que hoje sem internet, hoje eu já tava louca. Se tirasse a internet de mim hoje eu ficava desatualizada de tudo, sem saber... nada, e internet também trouxe coisas boas e ruins também. (...) a internet trouxe amigos, amigos novos, muitos legais. O que a internet trouxe taí, não só pra mim, assim como para o mundo todo. Criminalidade, uma imagem histórica, imagens na internet, aprende muita coisa na internet. Porque a internet traz coisas boas e ruins, só basta você saber o que você quer da internet. Se é “as boas” ou se é “as ruins”. (Link, 16 anos)

Eu não consigo mais viver sem internet, adoro a internet e todo dia eu tenho que tá na internet. Há, já é uma mania minha. Às vezes quando eu me acordo vou logo pro computador pra entrar na internet e pra fazer besteiras. (Site, 16 anos)

Vixe... 7 horas... acho que é isso, por aí.

Eu acesso Orkut. Orkut, MSN, Facebook, Twitter, é. Aí, assim vai, essas redes assim. Fotolog. E também quando tem as tarefas que eu não consigo entender eu busco lá e trabalho... da escola. . (Lan, 16 anos)

Os dados que se mostraram relevantes durante a análise foram o uso de sites de relacionamentos (Orkut, MSN e Facebook) por todas as participantes. Tempo médio de acesso diário – 3 horas. As adolescentes em sua maioria entram na *Internet* para conversarem com os amigos da escola e os vizinhos de bairro, a maioria falou que acessa para fazer trabalhos escolares e pesquisas.

As experiências vividas no espaço virtual parecem instigar as meninas a ficarem conectadas por horas. Um indício dessa relação muito estreita com a *Internet* aparece nos discursos de **Link e Site**, onde a ausência desse meio de comunicação faz com que a existência deixe de ter um sentido. Tais falas, entre muitas análogas, mostram como a subjetividade dessas meninas foi transformada, a tal ponto que se não acessarem essa grande rede – que se apresenta como fundamental na sua existências – ficam completamente sem referências, perdem o chão.

Esses depoimentos remetem ao conceito winnicottiano de experiência cultural, em que cada ser humano experimenta ao seu modo a construção de sua existência, sendo a experiência de transicionalidade importante para compreender as relações entre os sujeitos e como elas são criadas por eles. Todavia, vale ressaltar que esse ambiente, que é a *Internet*, só poderá ser usado criativamente se houver raízes nos primórdios da vida imaginativa, como preconizado por Winnicott.

A fala de **Link** é extremamente reveladora nesse sentido, pois na medida em que nomeia que precisa da *Internet* para não perder a razão e se manter atualizada, alerta sobre os seus perigos e para suas possibilidades de escolhas. Ou seja, a entrevistada sinaliza que vivenciando a nova realidade, e sabendo que pode escolher os caminhos que deve seguir, coloca-se como sujeito dessa relação, onde as demandas são as suas.

Quando escolhemos adolescentes, tínhamos o intuito de observar como essa população fazia uso desse objeto. Percebemos diante dos depoimentos que a *Internet* se revela como um fenômeno multifacetado, pois, além de servir como referência, é uma possibilidade de atualização, de manter esses adolescentes dentro de um universo, dentro de um contexto. Mas é preciso ficar atento ao uso desmedido, ao exagero. É necessário que o adolescente consiga dimensionar o caráter virtual da *Internet*.

Conforme Winnicott (1975 [1971]), é no brincar que a criança vive uma experiência de continuidade de sua existência. Experimenta a ilusão-desilusão que é essencial para o amadurecimento satisfatório, pois é situando-se nessa área entre realidade e fantasia que passa a ser sujeito e não somente objeto da experiência. Desse modo, a *Internet* deve estar no lugar do lúdico e não do fusional, onde há um sujeito em funcionamento, explorando a *Internet*, transitando entre a realidade e a virtualidade. E não um sujeito aprisionado que faz uso desse recurso para criar o seu próprio mundo e de lá nunca mais quer voltar.

Nos discursos das entrevistadas, a *Internet* não aparece diretamente como produtora de um projeto futuro; no entanto, é possível apontá-la como um elemento significativo de interferência na elaboração dos seus projetos futuros. Tudo isso, se dá na medida em que o espaço virtual é apontado pelas entrevistadas como um lugar que favorece o aprendizado, que abre portas para conhecer realidades, idiomas, culturas

diferentes da sua. Isto é, a busca e a seleção de informações acontecem na *Internet*. Fazendo uso desse recurso de forma lúdica, o adolescente poderá ensaiar para o futuro.

Nas próximas unidades abordaremos com mais detalhes os projetos de vida e as implicações da *Internet* nesses adolescentes.

3.5.3 Sobre seus projetos de vida

Se programar ... não é tipo prever o futuro, é você... se... sei lá como é...estudar; “não eu sei que eu vou fazer faculdade, então vamos fazer logo agora”, aí vai começando, vai juntando um dinheiro, então a gente tá, ajeitando já uma parte do futuro. Pra a gente ser alguém já, alguém na vida, não sei. Tá na rua, tralhando como empregada doméstica, tenho orgulho, muito orgulho da minha mãe, mas não quero ser isso não. Quero ser outra pessoa, quero trabalhar em um emprego decente e eu cuidar da minha família. Então... projeto de vida é você projetar de agora o que você quer no futuro, o que você quer fazer no futuro você começa a fazer de agora. Começar de agora. (Link, 16 anos)

- Os meus planos? Estudar muito, não muito, também não vamos exagerar, não muito. Mas estudar, trabalhar muito, ser independente, cumprir com minhas obrigações... atrás dos meus direitos... esse é o meu projeto de vida. E também curtir a vida, eu não vou só ficar ali focado, assim, tudo no meu trabalho, vamos curtir um pouco. Se divertir, porque eu conheço uns que só é focado ali no trabalho, não se diverte, não é feliz, então eu quero ser feliz, eu quero ser os dois ao mesmo tempo: quero estudar, quero ter meu emprego, quero também me divertir, quero curtir a vida com meus amigos e levar a vida pra frente.

- *E quais são esses direitos que tu fala, que vai correr atrás dos teus direitos.*

- *De ter um emprego decente, uma casa própria, de..., ajudar as outras, aquelas pessoas que não tem. Isso pra mim eu acho que deveria ser um dever de cada um, de ajudar aquelas pessoas que moram na rua ali, não tem uma casa... não “bora ajudar”. E também, até das minhas... das juízas assim, tipo: for vulnerável assim de uma coisa que eu não culpada, isso é minha obrigação de ser uma boa cidadã e até de meus direitos e cumprir com minhas obrigações, de trabalhar honestamente, sem roubo ou... sem mentir, tráfico, essas coisas, pra mim é isso aí. (Link, 16 anos)*

De me formar... de me formar em Odontologia... de ter a minha... ter uma casa, de constituir família. (Wap, 16 anos)

Eu quero ser jornalista. É meu sonho.

Ah... eu espero que me veja uma grande jornalista de esporte, que eu amo esporte e gostaria muito de conseguir meu “obstáculo” de ser jornalista.

Não quero me casar (risos). Não quero ter filho. Eu tenho namorado. Mas só quero... ficar... casar, não. (Site, 16 anos)

Pretendo me formar.

É... Direito. Ter a minha casa própria. Ter condições de ajudar minha família, no caso se eles precisarem. Deixa eu ver mais... Poder me sustentar, lógico. É isso, ter uma condição pra eu poder me sustentar, criar uma família. E é isso. . (Lan, 16 anos)

É... morar sozinha, ter mais liberdade, assim. Casar, eu não sei.

É... casar...casar só... morar com... sei lá, formar uma família, essas coisas. Tem que ter tempo pra família e tem que ter tempo pra trabalhar também, né, arrumar um emprego... fazer faculdade, me formar, aí arrumar um emprego e seguir a vida.

Um é esse: tá morando sozinha e quando eu casar eu quero ter dois filhos e fazer de tudo por eles, o que eu não tive, eles vão ter.

É... um planejamento de vida, o que que pra tu é um...projetar a vida, ver a vida lá na frente. . (Gif, 16 anos)

Ao serem indagadas sobre os seus planos para o futuro, sobre seus projetos, as entrevistadas em sua maioria pareciam surpresas com a pergunta. As que responderam com agilidade é porque já haviam pensado em um universo profissional e/ou afetivo.

Em suas falas o trabalho ocupa lugar de destaque nos projetos futuros. Freud assinala que não pode imaginar que uma vida sem trabalho seja capaz de trazer qualquer espécie de conforto. A imaginação criadora e o trabalho para ele andam de mãos dadas.

Para **Link**, é por meio do trabalho que poderá mudar de vida. Ter um trabalho dá a sua existência um sentido, torná-la-á uma pessoa mais honesta, digna e solidária. Pagar as suas contas, cumprir com as obrigações de uma boa cidadã, ajudar a família e aos necessitados, ser feliz são aspirações que só trabalhando poderá conseguir, conforme destacado em sua fala.

Ter uma perspectiva profissional dá a **Link** a possibilidade de reescrever a história profissional da sua família. As gerações anteriores à sua (mãe e avó) são empregadas domésticas, em seu discurso fica claro o seu orgulho dessa profissão, mas também aparece o seu desejo de ter um futuro diferente.

A inclusão de uma dimensão profissional na vida corrobora o pensamento freudiano que destaca a importância do trabalho para o ser humano, porque a partir dele, ou com esse o indivíduo pode usufruir de conforto, não só o financeiro, mas o conforto que perpassa toda a sua história.

A jovem **Site**, ao pensar no futuro, sonha ser uma grande jornalista esportiva. Winnicott (1967b) aponta que uma das características mais excitantes dos jovens é o seu idealismo, pois ainda não estão acostumados com a desilusão e isso é condição *sine qua non* para se sentirem livres na construção de um futuro ideal. Ainda sobre esse aspecto de idealismo, outras questões emergiram: a liberdade, a independência, o desejo de morar só – de se afastar dos pais. Isso foi muito presente na fala das participantes, quando pensavam em futuro.

Os dados mostraram que algumas adolescentes ignoram a realidade que está por vir – futuro –, preferem nem pensar no amanhã, vivem a plenitude da imaturidade – peculiar a esse momento. Winnicott (1975) sinaliza que a experiência de imaturidade precisa ser vivida pelo jovem no momento do seu desenvolvimento, caso isso não aconteça pode ocorrer um falso amadurecimento.

Casar, constituir uma família, ter filhos e ter sua própria casa são pontos que aparecem nos depoimentos de **Wap**, **Lan** e **Gif**. As falas delas parecem seguir um roteiro, um script da vida. Todavia, para que essa empreitada seja realizada, a estabilidade financeira é necessária. **Site**, de certa maneira, parece querer romper com essa linearidade de pensamento, sinalizando não querer casar, nem ter filhos, pautando seus planos para o futuro em sua vida profissional.

Nos discursos das entrevistadas, projeto de vida é planejar o futuro a partir do momento presente, conforme apontado por **Link**. Para **Gif**, é visualizar a vida lá na

frente. Embora haja semelhanças entre os planos para o futuro das adolescentes, cada uma tem uma estrada própria para seguir. As construções dos projetos dessas jovens se cruzam quando elas idealizam um futuro com: trabalho, casa própria, casamento, filhos, autonomia e liberdade de escolhas, conforme forem as oportunidades. Contudo, dispersam-se no que diz respeito à história de vida de cada uma.

3.5.4 Sobre s implicações da internet em seus projetos de vida

É como a minha professora hoje de manhã disse. A gente tem que ter amigos. Ela conseguiu o trabalho dela através de um peixe... um monstro, tubarão. Por exemplo, amigos ajudam você em todos os aspectos da vida. É isso.

Assim, eu converso com meus amigos, MSN ou Facebook... e... pesquiso... trabalho... e quando eu tenho dúvida.(Pixel, 16 anos)

Tem... tem alguma coisa ligada, assim, há uma ligação entre os teus acessos na internet, o que tu planeja para o futuro, a internet ela traz isso pra tu.

- Traz... traz, porque eu me vejo muito informada das coisas, nem muito, porque na maioria do tempo é na escola, mas eu me vejo informada e isso também pode ajudar em eu me decidir qual seria “o quê que eu quero”, qual seria minha profissão, se eu fosse começar a partir de hoje e na internet ajuda assim. Como também ajuda e como também atrapalha, mas também ajuda, se você quiser é claro. Você senta ali e vai procurar saber dessas três profissões aqui que eu quero ser. Vamos ver qual é a melhor, vamos pesquisar um pouco. Então ajuda, a internet ajuda, você entender mais daquilo que você quer, ajuda, só basta você querer.(Link, 16 anos)

É como a minha bisavó diz: “Sem a internet, sem a computação, nada agora, vai valer a pena.” Sempre tem que tá de alguma coisa vendo pra conseguir o que... e eu quero ser jornalista, eu vou conseguir até o final. (Site, 16 anos)

Assim, eu faço, às vezes eu pesquiso minhas... as tarefas é... os trabalhos meus do colégio, aí só isso mesmo... que tem alguma coisa a ver. (Icône, 16, anos)

A internet, assim, serve pra várias coisas, mas quando eu entro mesmo é mais pra editar, ver foto, falar com alguém que eu não falo há muito tempo assim, por causa da distância, mas pra negócio assim de projetos pro futuro mesmo, é meio difícil. (Wap, 16 anos)

Os dados obtidos com essa população apontaram que a *Internet* é utilizada, na maioria dos casos, para trabalhos escolares, encontro com amigos, obtenção de filmes e músicas, disponibilizar e receber fotos. Dessa maneira, podem conhecer algumas profissões, visitar alguns lugares em qualquer canto do mundo, atualizar-se, ler jornais, revistas, estudar para prestar vestibular, entre outros.

Há adolescentes que veem a *Internet* como um veículo que proporciona um trânsito entre vários espaços e tempos. **Link** considera que se não houvesse a *Internet*, ela possivelmente repetiria história das outras gerações da família (avó e mãe), que são empregadas domésticas. O espaço virtual proporciona a ela reescrever de maneira diferente seu futuro herdado e disseminado entre as suas gerações.

Pixel aponta a importância dos relacionamentos das redes sociais, pois considera que ter amigos pode possibilitar ou facilitar o acesso ao mundo profissional, bem como ajudar em qualquer esfera da vida. Com tantas exigências do mundo atual, o jovem precisa lançar mão dos seus relacionamentos para realização de seus projetos particulares. Nesse caso, a *Internet* torna-se uma via expressa para a concretização do que se deseja. **Site** ressalta ainda que é uma ferramenta essencial para conseguir o que se quer, seja hoje ou amanhã. A perspectiva de que o espaço virtual abre portas para possibilidades futuras é vista não só pela adolescente, mas por sua bisavó.

Os discursos de algumas entrevistadas revelam as repercussões da *Internet* em seus projetos futuros. Na medida em que se veem envolvidas por um recurso inovador, que ultrapassa as fronteiras do tempo e do espaço, e concomitantemente proporciona uma infinidade de informações que lhe permitem elaborar seus projetos de vida, a partir de suas experiências individuais e coletivas, a *Internet* torna-se uma ferramenta importante na vida dessas jovens. Até quando em alguns depoimentos não aparece uma relação direta da *Internet* com o projetar-se para o futuro, percebe-se uma implicação desse recurso, haja vista o uso que é feito.

PARA FINALIZAR.....

tema estava posto, desde o início, com muita clareza: adolescente e *Internet*, queria conhecer as excitantes aproximações entre eles. Ir além do já conhecido... fazer diferente. Mas diante de tamanha amplitude, por onde ir, que estrada seguir? O mapa do trajeto continha símbolos que por horas, dias e até meses pareceram indecifráveis. Todavia, o caminho precisava ser percorrido, havia uma ampulheta gigante me mostrando os prazos e o momento de concluir.

Diante disso, observo que muita coisa se transformou, a escultura tomou uma outra forma, o que era para ser diferente parece ter caído no gosto popular e diversas foram as fontes que exploraram o meu tema. Tema que só era meu, na minha cabeça, é obvio. Do momento inicial até o final, quantos e quantos trabalhos surgiram, alguns me deram muito fôlego para percorrer novas trilhas, outros me deixaram extremamente cansada achando que não havia mais o que fazer.

Pois é, quem mandou escolher um tema tão atual, instigante e excitante?

Uma tela em branco, infinitas possibilidades... nenhum caminho claramente definido. O desenho já não era tão nítido, seus riscos estavam completamente turvos. À primeira vista, estava diante de uma pintura abstrata. No entanto, as exigências do rigor científico me exigiam que eu desse forma ao que era amorfo.

Percebi que ficar diante de algo que está por vir, pensar no futuro implica uma mobilização interior avassaladora. Então, por que não unir adolescente, *Internet* e futuro, ou melhor dizendo projetos futuros?

Aí a ideia foi se constituindo, tomando forma, e investigar as possíveis repercussões do uso da *Internet* na criação dos projetos de vida do adolescente passou a ser o meu objetivo principal. Para isso, precisava refletir especificamente sobre as seguintes questões: Quais os sentidos do uso da *Internet* para o adolescente? Os adolescentes pesquisados se preocupam em criar projetos de vida? É possível relacionar o uso da *Internet* à elaboração de seus projetos de vida?

Para dar conta dessa empreitada, foi necessário fazer uma leitura inicialmente de como o adolescente vive esse tempo, essa passagem da infância para a vida adulta. Esta reflexão apontou que o adolescente está imerso num mundo de intensas cobranças – para crescer, assumir responsabilidades profissionais – e, concomitante a isso, tem experiências de extremo afrouxamento – em que tudo é permitido, fugaz e vazio, fazendo com que ele mergulhe num tempo infinito de gozo, do aqui e agora, em que o amanhã é muito distante e as suas escolhas estão sendo deixadas para depois, o tempo do “agora, não mais tarde”.

Diante dos pré-requisitos que são impostos para adentrar o mundo adulto, apesar das definições da vida serem deixadas para mais tarde, o jovem precisa, em um dado momento da sua vida, ir em busca da sua autonomia – amadurecer . Essa autonomia lhe conduzirá a escrever sua própria história, definir o seu projeto de vida.

O projeto de vida não é entendido aqui como algo intencional, mas como algo criado. Criado no sentido... Prefiro descrevê-lo como um sentido virtual – que existe como potência – que aguarda sua realização através das experiências que perpassam a dicotomia internalidade-externalidade, em que a experiência não se reduz a um único caminho, mas a vários. Imergir nessa plasticidade de evolução e desenvolvimento pode

levar o jovem a sair da potencialidade dos seus projetos à realidade deles. Torná-lo real significa fazer nascer um sentido para sua existência.

A análise e discussão dos resultados desta pesquisa apontaram que as adolescentes sentem dificuldade em fazer o trânsito entre a infância e a vida adulta em virtude das demandas externas que ora exigem que estejam em um lugar e ora em outro. A dificuldade em serem compreendidas pelos pais aparece como um dos grandes conflitos dessa fase. O desejo de independência e liberdade está diretamente ligado, para elas, à questão da maioridade.

No que diz respeito à relação das adolescentes com a *Internet*, os resultados sinalizaram que o espaço virtual se mostra como elemento fundamental na existência dessas meninas. No entanto, apesar de fazer parte dos seus cotidianos, elas se mostram conscientes do que esse ambiente pode oferecer. Sabem que não são meros objetos da *Internet*, pois este se apresenta como um espaço de escolhas próprias e que estas são demandas suas.

Com relação aos projetos de vida, percebemos que os das entrevistadas se parecem com os das suas mães e/ou avós. Contudo, o que muda é que essas meninas vivem diante de um tempo veloz e atemporal, no qual o que impera é a tecnologia e as informações em tempo real, possibilitando que os seus projetos futuros sejam compartilhados nas redes sociais.

No que concerne às implicações da *Internet* nos projetos de vida das entrevistadas, podemos dizer que esse ambiente promove uma passagem do virtual ao real, na medida em que navegam em um mundo sem fronteiras, onde podem brincar, criar, ensaiar para o futuro e ver como acontece na vida real. O espaço virtual pode sim

repercutir em seus projetos de vida, mesmo que algumas ainda não se deem conta disso. Que repercussão seria essa?

As adolescentes falam do espaço virtual como um ambiente onde se atualizam, apropriam-se de informação a respeito de profissões, de atualizações. No discurso latente das entrevistadas, há uma referência à *Internet* como uma ferramenta que as auxilia em suas escolhas, na busca pelo conhecimento e do autoconhecimento.

Assim, dentro do que foi proposto avalia-se que os objetivos foram contemplados. Todavia, as experiências com as pesquisas de campo me fizeram refletir sobre novas possibilidades metodológicas. Estar diante de um adolescente para entrevistá-lo com recursos usuais, roteiro de entrevista e gravador significou usar meios limitados, haja vista o tema e o discurso monossilábico que é peculiar a essa fase. Falar de *Internet* é falar de ultrapassar limites, quebrar barreiras. Como fazer um trabalho tratando do espaço virtual sem fazer uso deste?

Sabemos que no universo da pesquisa as limitações fazem parte do conjunto, e muitas vezes é por meio delas que se criam novas possibilidades. Como prosseguimento desta pesquisa, sugere-se que a *Internet*, que hoje faz parte do cotidiano acadêmico, possa fazer parte na metodologia de pesquisa como um instrumento de trabalho para enriquecimento na obtenção dos dados para pesquisas.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A., KNOBEL, M., **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ALMEIDA, F. J., FONSECA JÚNIOR, F.M. **Projetos e ambientes inovadores**. Brasília: Secretaria de Educação a Distância – SEED/ Proinfo – Ministério da Educação, 2000.

ANDRADE, F. T. **O medo**: maior gigante da alma. s/e. s/d.

ARANTAGY, L. R. **Adolescentes na era digital**. São Paulo: Benvirá, 2011.

ARAÚJO <http://jus.uol.com.br/revista/texto/4062/a-maioridade-no-sistema-do-novo-codigo-civil>

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2000.

BRANCO. C.C.; MATSUZAKI, L. Y. (Orgs.). **Olhares da rede**, São Paulo: Momento Editorial, 2009.

CALLIGARIS, C. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha; 2000.

DIAS, E. O. **A teoria do amadurecimento de D. Winnicott.** Rio de Janeiro: Imago, 2003.

DOLTO, F. **A causa dos adolescentes.** São Paulo: Idéias e Letras, 2004.

EIGUER, A. Nascimento e organização fantasmática da família. In: **Um divã para a família.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ELIADE, M. **Mito e realidade.** São Paulo – SP, Editora Perspectiva, 2002.

FERREIRA, A. B. H., **Miniaurélio:** o minidicionário da língua portuguesa dicionário. – 7ª ed. – Curitiba : ed. Positivo, 2008.

FILLIPPO, D. D. R.; SZTAJNBERG, A. - **Bem-vindo à Internet** — Rio de Janeiro: Brasport, 1996.

FREIRE, F.M.P., PRADO, M.E.B.B. **Projeto Pedagógico: Pano de fundo para escolha de um software educacional.** In: J.A. Valente (org.) O computador na Sociedade do Conhecimento. Campinas, SP: UNICAMP-NIED, 1999.

FREUD, S. (1908 [1907]) Escritores criativos e devaneios. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.147-158.

FREUD, S. (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 85-119.

FREUD, S. (1920) Além do princípio de prazer. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.13-85.

FREUD, S. (1921) Psicologia de grupo e a análise do ego. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.89-179.

FREUD, S. (1927) O futuro de uma ilusão. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 13-71.

FREUD, S. (1930 [1929]) O mal-estar na civilização. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 75-170.

FREUD, S. (1932-1936) Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GALLATIN, J. E. **Adolescência e individualidade**: uma abordagem conceitual da Psicologia da adolescência. São Paulo: Harper & Row do Brasil Ltda, 1978.

GILES, T. R. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. São Paulo, EPU:USP, 1975.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1993.

HOFFMAN C. **Experiência e Clínica**: a propósito do agir do adolescente. Palestra proferida na UNICAP-PE, Laboratório de Psicopatologia Fundamental e Psicanálise, em 11 de junho de 2010.

KAËS, R. **O grupo e o sujeito do grupo**: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo. José de Souza Melo Wernwck (tradutor).

KEHL, M. R. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R. e VANNUCHI, P. (orgs). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

KEHL, M. R. Introdução – Por que Articular Ética e Psicanálise? In:_____. **Sobre Ética e Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 7-38.

LEVISKY, D. L. **Adolescência**: reflexões psicanalíticas. (2ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**: ensaios do individualismo contemporâneos. Trad. T. M. Deutsch, Baurueri: Manole, 2005.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G. H.**. Rio de Janeiro: Rocco, 1964 [2009]

MACHADO, A., **Poesías completas**: Proverbios y cantares, 14ª ed., Madri: Calpe, 1973.

MANNONI, M., Apresentação. In: **A crise de adolescência**: debates entre psicanalistas e antropólogos, escritores, historiadores, lógicos psiquiatra, pedagogos/ Ariane Deluz [et al.] – Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

MAY, R. **A Procura do Mito**. São Paulo: Monole, 1992.

MELLO, S. L. Família, uma incógnita familiar. In: **Família**: conflitos, reflexões e intervenções. AGOSTINHO, M. L., SANCHES, T. M. (organizadores). – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MENDES, C. A. T. **Como surgiu a Internet?** (s/d). Disponível em: <http://www.brasilecola.com/curiosidades/como-surgiu-a-Internet.htm>, acesso em 04/02/2010.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12ª edição. São Paulo: Hucitec, 2010.

NASCIMENTO, I. P. **As representações sociais do Projeto de Vida dos adolescentes**: um estudo psicossocial. *Psicologia da Educação*, São Paulo-EDUC, v. 14/15, p. 265-282, 2003.

NASIO, J. –D. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicot, Dolto, Lacan** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. **Na malha da rede**: Os impactos íntimos da Internet. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. **Primeiros contornos de uma nova “configuração psíquica”**. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 25, n. 65, p. 71-85, 2005.

OUTEIRAL. J. D. W. Winnicott e a obra. In: **Revista Mente e Cérebro** – Coleção Memória da Psicanálise: Donald W. Winnicott – 2ª ed. – São Paulo: Duetto Editorial, n.5 , p.6-15 , 2009.

OUTEIRAL , J. Adolescência. Modernidade e pós-modernidade. In: Outeiral, J. **Adolescer**. Estudos revisados sobre adolescência. Revinter. Rio de Janeiro., 2003.

PASSOS: M. C. Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre as funções da família. In: **Família e casal**: efeitos da contemporaneidade /organização: Terezinha Feres-Carneiro. – Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio, 2005.

PESSOA. F. **Poesias de Álvaro de Campos**. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993).

PESSOA, F. **Livro do desassossego** – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PHILLIPS, A. **Winnicott**. – Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Psiquiatria, uma nova problemática**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

PUGET, J., BARENSTEIN, I. **Psicanálise do casal**. Artes Médicas, 1993.

SABINO, F. T. 1923, **O Encontro marcado**, 32ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1981.

SCHILLER. F. **A educação estética do homem**. São Paulo Iluminaras, 1990.

SERRÃO, M., BALEEIRO M. C., **Aprendendo a Ser e a Conviver**. Autoras: Fundação Odebrecht, São Paulo: FTD, 1999.

TURATO, E.G. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

VELHO, G. **Individualismo e cultura** – notas para uma reflexão da antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. 2ª ed.

WINNICOTT, D. W. 1960a Família e maturidade emocional. In: **A família e o desenvolvimento individual**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.129-138.

_____. 1960b: Agressão, culpa e reparação. In: **Privação e delinquência**. Trad. Álvaro Cabral. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.153-162.

_____. 1961: Adolescência – transpondo a Zona das Calmarias. In: **A família e o desenvolvimento individual**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.115-127.

_____. 1963a [1939]: Evacuação de crianças pequenas. In: **Privação e delinquência**. Trad. Álvaro Cabral. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.09-18.

_____. 1963b [1961]: A luta para superar depressões. In: **Privação e delinquência**. Trad. Álvaro Cabral. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.163-175.

_____. 1964: A juventude não dormirá. In: **Privação e delinquência**. Trad. Álvaro Cabral. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.177-179.

_____. 1966: A criança no grupo familiar. In: **Tudo começa em casa**. Trad. Paulo Sandler. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.123–136.

_____. 1967a: O conceito de indivíduo saudável. In: **Tudo começa em casa**. Trad. Paulo Sandler. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 4-22.

_____. 1967b: A imaturidade do adolescente. In: **Tudo começa em casa**. Trad. Paulo Sandler. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 145-163.

_____. 1968: Sum: Eu sou. In: **Tudo começa em casa**. Trad. Paulo Sandler. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.41-51.

_____. 1970: Vivendo de modo criativo. In: **Tudo começa em casa**. Trad. Paulo Sandler. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.41-51.

_____. (1975 [1971]) **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago.

ANEXOS

ANEXO A – Parecer de aprovação do Comitê de Ética



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

Registro nº 25000-050953/2004-81 CONEP/CNS/MS, de 22/04/2004
Renovação de Registro nº 25000-147003/2007-11 CONEP/CNS/MS, de 20/08/2007
Renovação de Registro nº 25000-193621/2010-39 CONEP/CNS/MS, de 04/11/2010

Recife, 02 de março de 2011

PARECER Nº 004/2011 – CEP UNICAP

O Comitê de Ética em Pesquisa, em reunião do dia 25 de fevereiro de 2011, considerou **APROVADO** o Projeto de Dissertação, com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE nº 0009.o.096.000-10, registro Interno CEP UNICAP Nº 019/2010, intitulado:

“DO VIRTUAL AO REAL: IMPLICAÇÕES NOS PROJETOS DE VIDA DO ADOLESCENTE”, que tem, como pesquisadora principal:

Profa Dra Maria Consuêlo Passos (PSICOLOGIA)

RESUMO DO PARECER

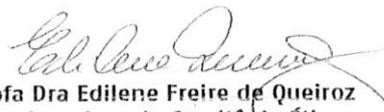
- O estudo não apresenta riscos de agravos éticos e está em consonância com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, com a Declaração do Helsinque e com o Código de Nurenberg para experimentação humana.

O **RELATÓRIO FINAL** deverá ser entregue no semestre correspondente ao término da pesquisa, conforme cronograma apresentado no Projeto de Pesquisa aprovado.

Valemo-nos da oportunidade para solicitar-lhe que, ao consultar o CEP UNICAP, indique o número do processo já referenciado.

Atenciosamente,


Profa Dra Aline Maria Grego Lins
Pró-reitora Acadêmica – PRAC
Universidade Católica de Pernambuco


Profa Dra Edilene Freire de Queiroz
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa
Coordenadora Geral de Pesquisa
Universidade Católica de Pernambuco

sas 3375.4-0
02/03/2011 10:24:51

ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Participante

	<p style="text-align: center;">UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO PRÓ-REITORIA ACADÊMICA PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA</p>
---	---

PREZADO (A) PARTICIPANTE:

1. Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “Do virtual ao real: implicações da Internet nos projetos de vida do adolescente”. Nesta pesquisa entendemos projeto de vida aqui tem um sentido mais abrangente, não diz respeito apenas a uma dimensão profissional, mas à inclusão do sujeito no universo de relações sociais e afetivas, com vistas a implementação de perspectivas para uma vida adulta.

2. A seleção ocorreu através do método intencional e a sua participação não é obrigatória.

3. Você poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar seu consentimento.

4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador ou com a Universidade Católica de Pernambuco.

5. Os objetivos deste estudo são de maneira geral pesquisar as possíveis repercussões do uso da Internet na criação dos projetos de vida do adolescente, e mais especificamente: Discutir quais os sentidos do uso da Internet para o adolescente; Verificar se entre os

adolescentes pesquisados há preocupação em criar projetos de vida; Investigar se é possível relacionar o uso da Internet à elaboração de seus projetos de vida.

6. Sua participação consistirá em falar livremente acerca do uso da Internet e os dos seus projetos de vida.

7. Os benefícios relacionados com a sua participação nessa pesquisa dizem respeito ao fato de que poderá haver uma compreensão maior sobre o uso da Internet e a relação com os projetos de vida. Os resultados também poderão beneficiar outros adolescentes, familiares e profissionais que lidam com essa temática.

8. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.

9. Salientamos ainda que não pretendemos, através de sua participação, causar nenhuma espécie de dano ou perda, seja ela pessoal ou profissional, podendo interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo de qualquer ordem. Os dados ficarão guardados, em local seguro, com a pesquisadora por um período de cinco anos, após o qual serão apagados. Todos os informes que possam identificá-lo serão alterados, de forma a não possibilitar sua identificação.

10. Você receberá uma cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA

CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE
– PE – BRASIL. TELEFONE (81). 2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO
ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br

Recife, _____ de _____ de 2011.

Participante da pesquisa

ANEXO C -Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Responsável

	<p style="text-align: center;">UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO PRÓ-REITORIA ACADÊMICA PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA</p>
---	---

PREZADO (A) RESPONSÁVEL:

1.O(a) adolescente pelo qual você é responsável está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “Do virtual ao real: implicações da Internet nos projetos de vida do adolescente”. Nesta pesquisa entendemos projeto de vida aqui tem um sentido mais abrangente, não diz respeito apenas a uma dimensão profissional, mas à inclusão do sujeito no universo de relações sociais e afetivas, com vistas a implementação de perspectivas para uma vida adulta.

2. A seleção ocorreu através do método intencional e a participação do(a) adolescente não é obrigatória.

3. Ele (a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar o consentimento.

4. A recusa não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador ou com a Universidade Católica de Pernambuco.

5. Os objetivos deste estudo são de maneira geral pesquisar as possíveis repercussões do uso da Internet na criação dos projetos de vida do adolescente, e mais especificamente:

Discutir quais os sentidos do uso da Internet para o adolescente; Verificar se entre os adolescentes pesquisados há preocupação em criar projetos de vida; Investigar se é possível relacionar o uso da Internet à elaboração de seus projetos de vida.

6. A participação consistirá em falar livremente acerca do uso da Internet e os dos projetos de vida

7. Os benefícios relacionados com a participação nessa pesquisa dizem respeito ao fato de que poderá haver uma compreensão maior sobre o uso da Internet e a relação com os projetos de vida. Os resultados também poderão beneficiar adolescentes, familiares e profissionais que lidam com essa temática.

8. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.

9. Salientamos ainda que não pretendemos, com a participação, causar nenhuma espécie de dano ou perda, seja ela pessoal ou profissional, podendo interromper a participação na pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo de qualquer ordem. Os dados ficarão guardados, em local seguro, com a pesquisadora por um período de cinco anos, após o qual serão apagados. Todos os informes que possam identificar o (a) participante serão alterados, de forma a não possibilitar sua identificação.

10. Você receberá uma cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81). 2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br

Recife, _____ de _____ de 2011.

Responsável pelo participante da pesquisa

ANEXO D - Roteiro de Entrevista

Para você como é ser adolescente? Me fala um pouco sobre adolescência; Fala sobre o momento que você está vivendo

Como é o seu uso da *Internet*?

Me conta como você se relaciona com a *Internet*?

Você acessa diariamente?

Com qual objetivo você acessa?

Quanto tempo por dia?

Me conta um pouco sobre seu dia a dia

Me fala um pouco sobre suas relações (sociais e afetivas)

Você tem algum projeto para vida adulta?

Para você o que é um projeto de vida?

Me fala um pouco sobre os seus planos para o futuro

Você percebe alguma relação entre a *Internet* e os seus planos (projetos) para o futuro.